

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
SOCIAL E INSTITUCIONAL**

BRIDA EMANOELE SPOHN CEZAR

**A ÉTICA DA MEMÓRIA NOS TRILHOS DA FERROVIA:
Narrativas poéticas de um processo de pesquisa**

Porto Alegre

2018

BRIDA EMANOELE SPOHN CEZAR

**A ÉTICA DA MEMÓRIA NOS TRILHOS DA FERROVIA:
Narrativas poéticas de um processo de pesquisa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Orientador: Prof. Dr. Luis Artur Costa

Porto Alegre

2018

BRIDA EMANOELE SPOHN CEZAR

**A ÉTICA DA MEMÓRIA NOS TRILHOS DA FERROVIA:
Narrativas poéticas de um processo de pesquisa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Porto Alegre, 12 de Julho de 2018

Luis Artur Costa - Orientador

Tânia Mara Galli Fonseca - PPGPSI/UFRGS

Cristiano Bedin da Costa - FACED/UFRGS

Luis Antonio dos Santos Baptista - PPGPsi/UFF

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à UFRGS, pela experiência de formação que me proporcionou no decorrer destes dois anos, e ao meu orientador, pelas possibilidades de deslocamento e invenção que me foram oportunizadas a partir do conhecimento.

Aos professores que fizeram-se presentes enquanto banca, diálogo e inspiração ao longo do percurso do mestrado e desde a graduação. Aos grupos de pesquisa, aos colegas e amigos que me acolheram nos momentos mais intranquilos do processo de escrita e de construção de um modo para habitar uma nova universidade e uma nova cidade.

Aos meus pais pela travessia em que me acompanham e aos meus avós pelo cuidado, sensibilidade e delicadeza com que me ensinaram a estar no mundo, levando-me a amar as palavras como uma forma de dizê-lo. Ao Geverton, pelo afeto, dias e desafios compartilhados, por entre estas linhas há um pouco do teu olhar e da tua escuta a me oferecer abrigo.

À vida, pelas promessas não cumpridas.

RESUMO

Esta dissertação aborda a ética da memória em sua relação com a pesquisa e a cidade, onde afirma uma estética do trágico. São Salvador e Salvador do Sul apresentam-se como retratos espaço-temporais de uma paisagem incessantemente estremecida e redesenhada, a partir dos efeitos produzidos pela ferrovia com a sua chegada e após a sua retirada. A intervenção, que durante o trabalho de conclusão de curso da pesquisadora reuniu os antigos moradores desta comunidade, oferece pistas a serem cartografadas, no sentido do transbordamento das linhas na graduação arregimentadas e com a dissertação implodidas e multiplicadas. Opera-se uma dobra nos processos anteriormente vivenciados, seja ao escutar o trem em suas intensidades pelos senhores(as) atualizadas, seja ao narrar o improrrogável desfazimento das cenas da pesquisa outrora testemunhadas. A ficção permite a um só tempo afastar-se, deslocar-se e reinventar-se diante do passado transcorrido e não mais reiterado, exceto como resto e como traço inacabado. A escrita prossegue e o faz agenciando desvios e modos de existência até então insuspeitos: a matéria-prima sobre a qual se debruça é tão efêmera quanto ela mesma. A ética aqui em questão pauta-se pela inevitável provisoriedade dos contornos da cidade, para em seguida discutir a fugacidade do texto e da própria existência que vem a lhe dar passagem.

Palavras-chave: Ética da Memória. Pesquisa. Cidade. Ferrovia. Narrativa.

ABSTRACT

This dissertation is about the ethics of memory in its relation to research and city, where it affirms the aesthetics of tragedy. São Salvador and Salvador do Sul present themselves as space-time portraits of a landscape that has been shaken and redesigned incessantly, from the effects produced by the arrival and departure of the railroad. The intervention, which gathered together the old inhabitants of this community during the course conclusion paper of the researcher, offers clues to be mapped in the sense of overflow of the lines assembled during under-graduation and that were imploded and multiplied with this dissertation. A fold happens in the processes previously lived, whether when hearing the train in its updated intensities by local elderly people, whether when narrating the undelayable undoing of scenes of the research once witnessed. Fiction allows, all at once, distancing, moving and reinventing oneself before the elapsed past and not repeated anymore, except as remnant and unfinished trace. Writing proceeds and does that by managing diversions and ways of living unsuspected until then: the raw material on which it leans out is as ephemeral as itself. The ethics in question here is conducted by the inevitable temporariness of the outline of the city, to subsequently discuss the fugacity of the text and existence itself that comes to give way.

Key-words: Ethics of memory. Research. City. Railroad. Narrative.

SUMÁRIO

Retratos da irreversibilidade.....	8
As encruzilhadas da memória: lembrar para esquecer	9
Retrato dos ecos que insistem.....	9
Retratos de um começo	11
Mapa de São Salvador.....	14
Trajetos de São Salvador	15
Efemérides de São Salvador	16
Salvador do Sul: a produção das paisagens da escrita e da cidade.....	18
Retrato da terra natal.....	18
Fantasmas em movimento: o corpo-pesquisa ensaia um devir-locomotiva	27
Retrato de meados de 1900	27
Mapa de transição	32
Efemérides de transição	33
Vozes que pedem passagem: a velhice transforma os restos em estrada	35
Retrato da retirada dos trilhos.....	35
O retrato como inelutável inacabamento da viagem.....	38
Retrato das imagens da paisagem	38
Aranhas na teia: o trem como operação poética de composição.....	40
A ética do pesquisar: um barco que se lança ao mar a navegar	48
Retrato de um lamento.....	48
Uma nova inscrição sobre a superfície: a narrativa como travessia.....	53
Retrato de um comum.....	53
Mapa de Salvador do Sul	59
Trajetos de Salvador do Sul.....	60
Efemérides de Salvador do Sul.....	61
A poeira e os vermes: paradoxos entre esquecer e durar	62
O eterno reencontro das despedidas: o testemunho das árvores	70
Retrato de uma nova instalação	73
Retrato da ciranda do tempo.....	75
Mapa do eucalipto e da figueira	77
Por uma ética do carrossel que sempre vem	78
Retrato de um amanhã sem promessas	78

Rascunhos dos mapas.....	83
Retrato do bonde ao vento: por uma estética do esquecimento	88
Referências	89

Retratos da irreversibilidade

O trem de carga cruzava a serra de madrugada, com os vagões cheios de gado, despertando a vizinhança se os trilhos estivessem escorregadios e molhados. Quem acordava com o barulho no meio da noite se divertia, enquanto que outros sonhavam e temiam ser atropelados pelo apito inconfundível que se aproximava. Ao entardecer, as crianças amontoavam-se nas janelas das casas à espera do trem, os seminaristas desciam o morro e encostavam-se no horizonte, abraçando o momento único da contemplação. Na roça, quando ele finalmente chegava, sinalizava para os colonos o horário da merenda, que reunia todos em círculo no chão, ou do almoço, que levava-os a regressar lentamente. Os trilhos serviam de estrada para chegar ao colégio, transitava-se com equilíbrio fantástico, desviando do barro que a sua volta se formava. Às vezes, desconfiava-se de um ruído, e era preciso deitar-se aproximando o ouvido para averiguar qualquer viagem traçada no improviso. Nos embarques a trabalho ou a passeio, recomendava-se tomar cuidado com as faíscas que subitamente invadiam a máquina em movimento, provocando grande alvoroço nos que estavam lá dentro.

Nada disso nunca mais aconteceu. Virou um livro pesado de resquícios da saudade.

As encruzilhadas da memória: lembrar para esquecer

Retrato dos ecos que insistem

Há um senhor sentado bem aqui, diante dos nossos olhos. Não sabemos de onde ele vem ou para onde vai, os silêncios que permeiam seu canto rompem com a tirania da palavra que se quer lisa, precisa e concisa. Na parede por detrás da cadeira avistamos um quadro pendurado: as ruas de um vilarejo se movem conforme o apito da maria fumaça, os armazéns se aproximam da estação, os cavalos transportam frangos, passageiros e parentes à passeio, a comunidade vai se emaranhando aos trilhos, trilha-se os efeitos da ferrovia junto à paisagem de uma cidade. O senhor anuncia que não pretende demorar-se com nostalgias, preferiria arrancar esta porta do passado deixando escorrer tudo que existe do outro lado. As lembranças por vezes lhe parecem sufocantes, autoritárias, desconcertantes. A vertigem sentida ao ver que as pedras mudaram de lugar, desorienta o seu corpo, que é solicitado a se posicionar. Habitara-se a ver o espaço como a palma da sua mão, situando nestas terras conhecidas os passos de cada dia e situação, até que na calmaria ergue-se um tornado de imprevisível resolução. Apesar da resignação em não vasculhar, revirar e desenterrar o passado, os gestos agarram-se aos restos indigestos desta biografia: é o trem, é a gente toda envolvida com a viação, o agente tocando o sino na estação, a partida da locomotiva, o adeus salutar da vida.

*

A experiência deste trabalho de escrita se dá através do encontro com diferentes fios que constituem uma trama, trata-se da confluência e materialidade dos afetos que implicam a pesquisadora com a sua terra natal e com um grupo de antigos moradores da mesma, constituído durante a graduação em psicologia. Em princípio, seria importante destacar que o trem ao qual remete-se todo o perambular da pesquisa pelos trilhos da memória, é também aquele que abre a possibilidade de olhar-se ao mesmo tempo para o horizonte e para as estações porventura deixadas para trás. Ora retornamos para São Salvador, ora adentramos em Salvador do Sul¹, conduzidos nesta viagem pelos efeitos de uma intervenção que não se esgota ao finalizar e que inicia antes de se formalizar: ao olhar pela janela de madrugada para as paredes desbotadas que ocupam a esquina de sua casa, a pesquisadora questiona-se acerca desta geração pouco vista ou lembrada, que conheceu a região em uma época ultrapassada, desdobrada desde o primeiro contato onde dividira seu devaneio de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso. A vivência deste percurso envolve inevitavelmente aquilo que persiste em meio as nuances do esquecimento, engendrado pelo movimento da cidade de refazer-se e

¹ No tempo da ferrovia, a cidade era conhecida pelo nome de sua Estação. São Salvador, anos mais tarde, com a emancipação de municípios vizinhos e a desativação da linha férrea, virou rastro e sombra para Salvador do Sul.

reconstituir-se, bem como pelas perdas que os senhores sofrem na medida em que faltam-lhes as testemunhas da vida outrora compartilhada. Ao passo em que são escutados, explicita-se um obstáculo à aceitação da transitoriedade, algo da ordem de uma impossibilidade, sustentada no discurso que paradoxalmente resiste e acende a produção do novo e do vir a ser.

A força plástica do homem abordada por Nietzsche (2009) refere-se justamente a uma ação que está atrelada ao presente e a transformação, neste sentido, vislumbra-se um processo de incorporação e digestão das vivências sem o qual não há a menor esperança de desprender-se do que passou. Os senhores acolhem o convite que lhes foi feito naquela ocasião para participar de um grupo, reúnem-se durante aproximadamente um ano com o objetivo de narrar as suas experiências junto à viação férrea, mas eis que o inesperado acontece. Eles subvertem o planejamento da pesquisa, tensionam o formato acadêmico de devolução e propõem sair do espaço habitualmente utilizado para caminhar pela cidade, indicando mapas de relações sobre aquele território. Coletivamente mergulha-se, e desta ação surgem fagulhas de vida, de outras temporalidades, de outros afetos, e de outras histórias, que nunca estiveram deslocadas do trilho, embora tenham permitido tocar-se por outras paisagens. Poder-se-ia pensar num ensaio para a elaboração dos eventos que decorrem do fechamento da estação ferroviária, período em que os antigos moradores sentem-se impotentes e incapazes de posicionar-se contra a retirada e repasse de tudo que compunha a linha. O anúncio repentino do fim foi sucedido por uma horda de habitantes a arrancar o que pudesse ser vendido: como corvos bicavam a carcaça que restava para afirmar sua sobrevivência. Os que consternados puseram-se a assistir, sem condições de impedir o desmonte e a devastação que se seguiu, ficaram marcados pela dor da violação da memória, saudosistas de um passado que manteve-se vivo apenas em frangalhos. Ainda que houvesse atitudes propositivas e de enfrentamento de tais perdas e sofrimentos, frequentemente e com grande intensidade uma onda gigante de ressentimento engolia-os por completo, fazendo-os afogar-se em mágoas e repetições que emergem como fardo e não como um querer alegre e inventivo (GIACÓIA, 2012). A dimensão irrecuperável dos fatos ao invés de libertá-los apresenta-se como aprisionamento pelo que não pôde evitar-se, pelo que não conseguiu fazer-se, pela autocondenação imposta pelo sentimento de culpa. As contradições de habitar o instante e por vezes renunciá-lo, em prol de um passado visto como necessário, conduzem a entrar e a simultaneamente sair de uma condição de abertura e acolhimento do que foi e não mais será. A recusa que insiste em lembrar, não morrer e não se entregar ao amanhã, vem a ser um modo de resistir ao progresso e fincar uma âncora sobre o asfalto, os próprios corpos deitados que atrapalham o trânsito a lhes tratar com descaso. Ao recordarem, eles estão a se proteger dos fortes ventos da desterritorialização do capital, responsável pelas

constantes demolições e reconstruções no local. Aqui, afundar-se na memória constitui-se enquanto possibilidade de erigir ações clínico-políticas segundo uma ética-estética do trágico.

*

Retratos de um começo

Eu havia telefonado no início de janeiro para marcar uma visita no final de semana. A filha de seu Hugo foi quem me atendeu e me recebeu no sábado às 10 horas da manhã. Seus pais já aguardavam na cozinha quando eu cheguei, eles escutavam atentos a proposta da pesquisa e narravam histórias da família vividas junto ao trem – a filha mais nova que se pendurava no penhasco para ver a maria fumaça, o filho que recém-nascido os acompanhava dentro de um balaio ao saírem para trabalhar na roça, a casinha que construíram aos fundos do pátio da ferrovia, os desfiles de sete de setembro que reuniam os seminaristas e colegiais em frente à Estação São Salvador. Um dia o trem estava transportando animais que nunca tinham sido vistos antes pela comunidade, uma centena de avestruzes ocupavam os vagões, inclinando seus esguios pescoços para fora através das diminutas aberturas. Seu Hugo soube da novidade e correu para casa, pegou sua bicicleta e alcançou a carga que estava de passagem na cidade. Ele, assim como os outros, ficavam entusiasmados sempre que o inesperado embarcava num lugar distante e vinha lhes agraciar com a sua irruptiva chegada.

No mesmo período consegui encontrar dona Ancila, bati em sua porta numa tarde ensolarada, ela ouvia a transmissão da missa em seu pequeno rádio e pediu que eu aguardasse no sofá da sala. Em sua juventude, durante muitos anos ocupou-se com o serviço de limpeza do seminário, além de ajudar sua família na colheita das uvas e na fabricação do vinho que viajava até Farroupilha e até Porto Alegre com o trem. Ao recordar dos tempos de escola, Ancila emocionou-se ao contar do sonho que alimentara em ser professora. Apesar de estar com mais de noventa anos, o tempo não apagou a lembrança das cantigas de roda que em sua turma todos cantavam. Neste momento, ela me olha e pede que eu a ajude a colocar-se de pé sem o auxílio da bengala, apoia-se em meus braços e propõe que façamos uma dança, ou melhor, que eu a acompanhe no ritmo da música que ela alegremente canta: “ó menininha venha cá, se contigo quero dançar, para lá, para cá, e na roda vamos dançar, para lá, para cá”. Sorrindo, Ancila menciona que ainda moça conheceu um maquinista, e que este buzinava todos os dias ao passar pela Linha Bonita, recebendo em troca um aceno inebriado de afeto.

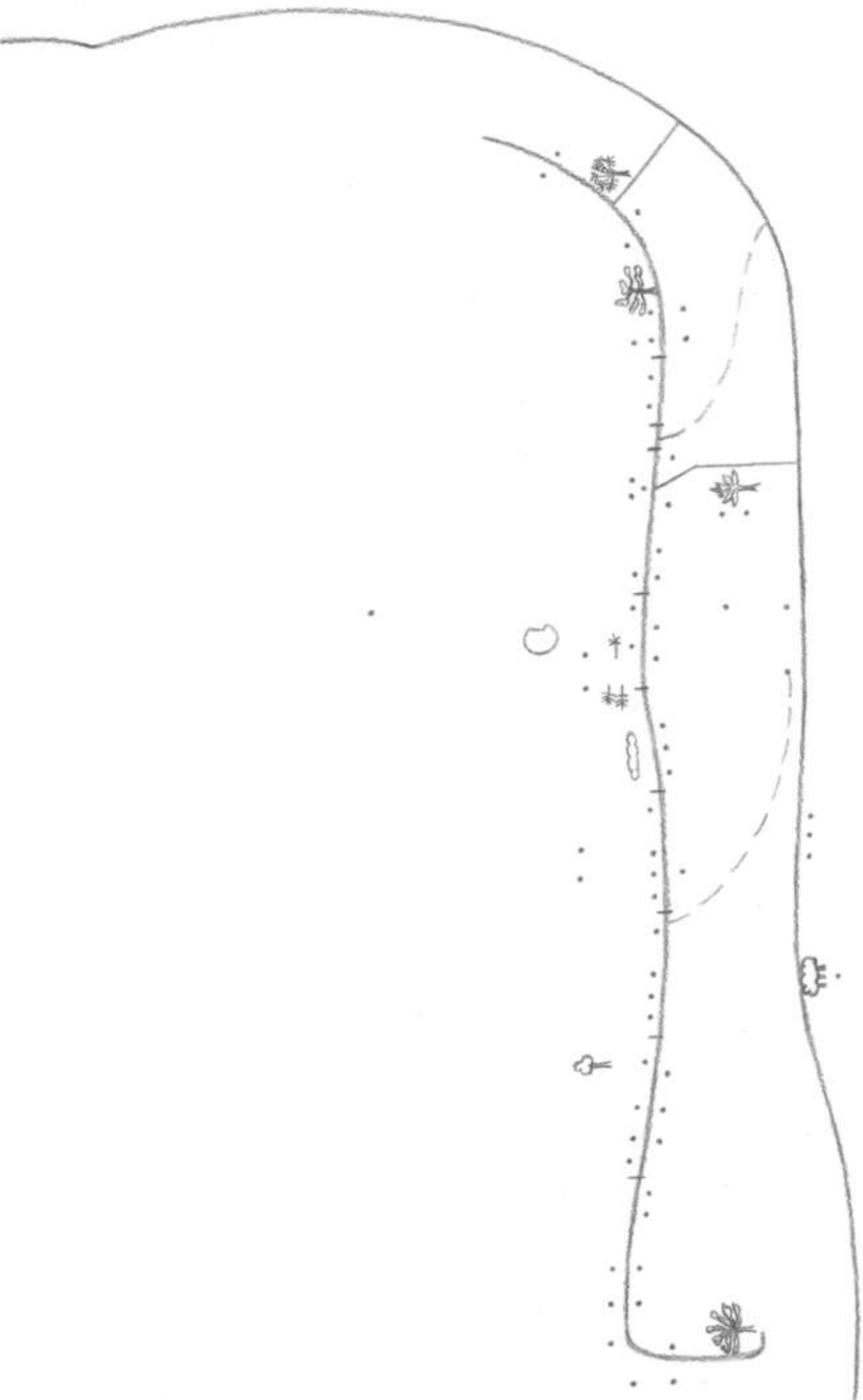
*

O homem do subsolo de Dostoiévski (2009) está imobilizado em inércia, enraivecido sufoca com as lembranças que gravou na memória, mostrando-se acovardado ante a realidade e, portanto, reativo e contemplativo. O homem de ação, pelo contrário, é desprovido de

consciência e não intenta conservar ou mumificar a vida, mas utilizar-se do passado para gerá-la e reinventá-la constantemente. Ao retomar este conceito em Nietzsche (2003), Giacóia (2001) afirma uma dinâmica de forças e não um binarismo de conceitos que poderia levar à estagnação, portanto, cabe pensar em ativo e reativo, forte e fraco, nobre e escravo como faces ou estados possíveis de um mesmo sujeito. Além de estarem em constante tensão e oscilação, estes paradoxalmente compõem-se junto às circunstâncias, em intervalos singulares de fixidez e variabilidade. Ora são estabelecidas imbricações mais duras, ora mais maleáveis, provenientes de um espaço de luta e combate, que se expressa numa relação de preponderância da preservação e conservação, ou do rompimento e desvanecimento das promessas impingidas pelo homem (PESSIN, 2014). Por vezes, o próprio ressentimento ao afirmar e relançar uma memória no presente permite desdobramentos que, por um lado, ressaltam a resistência de algumas minorias, e, por outro, oferecem abertura para a variação e o deslocamento a partir de tal posicionamento. Neste caso, justificaria o entendimento de que o grupo transitou por ambos os lugares, concebidos enquanto multiplicidades, e de que a memória que impedia o esquecimento estava envolvida diretamente com a realização do próprio trabalho. Assim como a força plástica que apontou espaços de travessia e passagem, lançando luzes sobre a experimentação do inusitado, desconhecido e impensado. Os senhores dispuseram-se a inscrever suas histórias no fluxo incessante do agora, desdobrando, desmontando e recriando as lembranças de outrora. Os corpos perambulam por uma cidade reconstruída, ainda que suas vozes entoem os vestígios de uma arquitetura destruída. As imagens produzidas dão a ver um recomeço que não pretende conectar as vias interrompidas, e sim forjar passagens que ultrapassem os abismos vivenciados pelo ressentido. Ao se verem em movimento numa grande tela colorida, momento que marca o encerramento de nossos encontros com uma produção audiovisual coletiva, eles reafirmam que o tempo não deveria ter se mexido, que se os ponteiros se achassem paralisados impediriam o término da ferrovia.

Pretende-se utilizar fragmentos e recortes desta experiência não como uma forma de recolocar o campo de pesquisa sob uma perspectiva já conhecida, todavia, na tentativa de subvertê-lo e recriá-lo, a partir do deslocamento no olhar da pesquisadora, que transita agora por entre outras estações na pós-graduação. O território previamente constituído servirá para a exploração e demarcação de um traçado que lhe ultrapassa, na medida em que lhe incita para fora, ligando-o a novos agenciamentos e devires. Esta capacidade de introduzir variações em uma melodia, tateando linhas de fuga, divergência e deformação, é o que faz do ritornelo um meio para a desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Obtêm-se vibrações e conexões variadas quando se reúnem elementos heterogêneos, instalados e articulados no seio

de uma nascente composição. Poder-se-ia pensar em modos de visibilizar uma potência que por estar em constante diferenciação continua reverberando no corpo da cidade e nos encontros que os antigos moradores vão tecendo na micropolítica do seu cotidiano. Os efeitos e os afetos ainda presentes é que servirão como balizadores de um caminho a ser cartografado, mediante a costura sensível dos retalhos e fios que se misturam e que por vezes escapam, oferecendo à pesquisa um verso inacabado, sempre em vias de se fazer. Trata-se de uma operação complexa que avistou-se com a memória do trem e que agora busca-se alcançar com a memória do próprio trabalho, no sentido de um duplo movimento de afirmação e problematização, de repetição e criação, de aproximação e distanciamento, de permanência e transformação. A ficção permite a experimentação do embarque em um trem até então desconhecido, que constrói os seus vagões e o seu trilho conforme avança sem destino previamente estabelecido: a narrativa prossegue sem se reconciliar com as fronteiras espaço-temporais que insiste em redesenhar. As superfícies indicam transitoriedades e, para tanto, a conquista de uma forma ou morada que em seguida será abandonada, permitindo um processo de montagem e desmontagem: da pesquisa e da escrita, do grupo e da cidade, da velhice e da contemporaneidade. A vida então (re)apropria-se da história, seja para habitar ou decolar, quem sabe os dois ao mesmo tempo, já que é de um punhadinho de chão que estamos falando.





o sino toca e o trabalho se aproxima.

para mandar a máquina nos trilhos

a comunidade vai até a estação despojar mercadoria
o agente policial, mede e libera a sua saída

o barzão do tram aparece o que na cidade não tem:
máscas antiguetas
refrigerante e bala

um tr e vir constante às viagens
então se moradores, desembrague de compradores
encontros entre parentes
descantilhamentos e alborotos

de volta ao mundo vão se embora os vultos chegados

o estrôbo foi a primeira a receber telefonias
a noite ali se reúne a população

vô um súmulo de couro do cutume
o sol arranca lajeas das paredes úmidas

as crianças se equilibram sobre uma bicicleta
deixam o recinto com resgates de canoas

chegam tijolos e estacas para a construção
começam as ventos a abastecer o colchão

pressem e despeto do tram
portas abertas no arrendam para receber

as cargas e o comércio ao qual
se detém



seminaristas chegam e partem todos os dias
Subindo o morro acordam a Mãe com a
controle

o couro é transportado com carinho de mão

a água em que foi curtido desemboca no vale

no armazém chegam encomendados através do trem

os ferravilhões saem de casa e sidem nos trilhos

a porta é a divisa entre o sonho e o caminho

a casa do velho marca os nomes

que da janela as possesíveis e o nome

alfalates costuram forrados
firam as medidas e em seguida contam o tecido

aluno há em fila para a estação

do substituem o trem fazem aquela caminhada

viagem antes descontentes

Salvador do Sul: a produção das paisagens da escrita e da cidade

Retrato da terra natal

Agora as coisas parecem fazer sentido, talvez nem tanto. Mas quando eu era criança para chegar ao jardim de infância tínhamos de subir uma rampa, sem encosto na lateral, parando sobre uma comprida plataforma em linha reta. Nossa sala era gelada no inverno e agradável no verão, pois feita de pedras irregulares, ajustadas entre si por uma fina camada de cimento. No intervalo descíamos para brincar numa pequena circunferência de grama, extrapolando-a e correndo pelo parque que emprestava-se como divisa e contorno àquele prédio de três ou quatro cômodos. Comemoramos aniversários e ensaiamos o abecedário ali, na antiga estação ferroviária, desconhecendo sua história, sua memória, sua origem, seus percursos e decursos. Ingenuamente habitamos e reinventamos o velho espaço de venda dos bilhetes, embarque dos passageiros e recepção das autoridades pela comunidade. Ninguém percebeu que o engate de ferro sobre a porta servia para pendurar um sino, ou que a tinta utilizada para tampar o nome da estação ainda estava fresca. Ninguém lembrou daquilo que os adultos permitiram esquecer ao varrerem para longe a poeira do tempo e dos sonhos perdidos.

*

Salvador do Sul, durante um período bastante longo de minha existência, apresentou-se enquanto território de inscrição no mundo e de afirmação de idas e vindas constantes. Numa bifurcação produzida pela graduação, embarquei rumo a São Leopoldo, permitindo-me conhecer e habitar lugares distintos, aos quais fui aprendendo a pertencer. A inquietação acerca do trem e desta geração que em torno dele arquitetou sua vida, rotina e relações, surge do encontro ou reencontro inusitado do olhar com um prédio antigo, que desde a minha infância abrigava em suas acomodações uma rodoviária. Uma construção díspar com o seu tempo e com a sua atual função, marcada pelos vestígios que sutilmente dão a ver uma cidade invisível, composta por fragmentos, sonoridades, sinais e, sobretudo, restos. Recentemente, quando voltei a Salvador do Sul para visitar os meus familiares, me deparei com a real e dura destruição das paredes que sustentavam aquela obra, entremeada pelos escombros da rede ferroviária e pelo progresso anunciado com a chegada das estradas e de seus veículos automotores. A luz do lampião que eu acendera num ato do pensamento, ao me deparar com as condições de possibilidade da memória e de seu enraizamento no concreto, tornaram impactante ao meu corpo a cena do desfazimento. Rapidamente fui conduzida aos fios do novelo de narrativas que envolviam os antigos moradores desta comunidade, e que passaram a permear o grupo que viemos a formar posteriormente. Um dia, ao acordarem pela manhã, o trem já não estava mais, os trilhos às pressas eram arrancados para serem revendidos a uma

grande empresa metalúrgica, a pequena estação ferroviária, palco de tantas chegadas e partidas, assistia ao silenciar de seus sinos. Entretanto, partículas de instantes sobreviveram à passagem das décadas, arrastando consigo pedaços de afetos, de imagens e ruídos, mais ou menos estridentes, porém, persistentes em meio às novas paisagens que se avizinhavam no horizonte trazendo a modernização, e que continuaram a se desdobrar em um eterno rearranjo: o letreiro da rodoviária foi instalado quando o recinto deixou de ser casa e passou a ser teto para ônibus, motoristas e viajantes, agora à mercê da chuva em função dos projetos futuros que espreitam em meio aos entulhos, massa movediça a ser removida para o solo reerguer-se.

Quando uma cidade tem a pretensão de ser sempre igual a si mesma, ela acaba por definhar e desaparecer, é esquecida simplesmente pela ausência das operações vitais que culminariam em sua transformação. Para Italo Calvino (1990), existem as cidades que desenvolvem uma estreita e concisa relação com o desejo, modificando-se ao passo de seu transbordamento e efetivação. No entanto, o desejo por vezes situa-se numa posição que impossibilita a cidade de refazer-se, reestruturar-se, redefinir-se ou redesenhar-se, ele se opõe, impedindo-a de ser outra e, portanto, anulando-a. Em compensação, poder-se-ia mencionar uma realidade atrelada ao avançar destemido e furioso da cidade, que responde a uma demanda de crescimento e evolução, sem preocupar-se com os desejos que não correspondam a estas necessidades. Afetos que precipitam ou que paralisam as mudanças, afetos que simplesmente ficam para trás, debruçados sob as ruínas que não param de aumentar, impedindo-os de alcançar o instante, como o *Angelus Novus* de Klee, mencionado por Benjamin (1996). Certamente, tais planos se misturam e por vezes não se diferenciam, dada a porosidade dos processos de mutação e estagnação, marcados por um vazio feito de sonhos, medos, cinzas, tensionamentos e subtrações. Ideias divergentes de futuro e progresso permeiam o encontro entre as gerações, que avançam e recuam, se cruzam e se afastam ao intervirem sobre o espaço, conferindo-lhe distintas fisionomias e sentidos. As cidades nascem e morrem a todo o momento, muitas vezes nem percebemos de imediato como determinados eventos ou acontecimentos ressoarão, em que conjuntura ou circunstância tudo mudou, o velho passou a ser assim chamado e o novo inaugurado. Ainda que mantendo o mesmo nome, ainda que agarrando-se ao mesmo solo, as cidades de ontem e de agora não necessariamente se chocam e chegam a se suceder, acontece de se sobreporem sem ao menos se conhecer. Os velhos cartões postais tornam-se obsoletos perante a derrocada e acelerada substituição das pedras da cidade: a viação férrea ocupa e esvazia com análoga velocidade e intensidade o vilarejo de São Salvador, montando e em seguida recolhendo os seus alicerces de sustentação.

As recordações emergem num fluxo descontínuo de dilatação daquilo que outrora fora sepultado no olhar, expandem o conjunto de variações inerente à constituição das avenidas, praças, comércios e moradias, desnaturalizando o verso reducionista daquele que não experimenta o que não pode ver. Ver é perder, como afirma Didi-Huberman (1998), e, neste sentido, a potência subverte a evidência, submetendo os sentidos àquilo que se mostra e àquilo que escapa na medida em que é destruído e esquecido. “O que não vemos, não obstante nos olha como uma obra de perda” (p. 34), capaz de deslocar o sujeito da posição de simples apreensão das imagens, incitando-o a senti-las e a desdobrá-las na forma de lutos e lutas. Na escrita do novo sobre o antigo, seja em um quadro, em uma paisagem ou em um livro, não se apagam completamente as marcas precedentes, que persistem como um gesto sutil daquela obra raspada, rasurada e reiniciada. O corpo palimpsesto, em sua rítmica sobreposição e coexistência, torna possível e visível a expressão dos versos dispersos, fragmentados, impuros e contaminados, já que não se emprestam a uma única forma e a um único sentido (COSTA, 2012a). O pergaminho será riscado outra vez, agitando-se pelas forças contrárias que lhe habitam, testemunhando uma história inacabada, descontínua e incessante, feita de detalhes e pormenores que se opõem aos discursos totalizantes. Os homens em alguns casos recolhem as cinzas que sobraram de uma cidade, esta tarefa pode vir a torna-se tão densa a ponto de obstruir a produção do presente, pelo entupimento de seus canais com os resíduos do passado. No entanto, há que se perceber aí uma forma de resistência também, um apelo que ecoa dos restos sobreviventes, na busca de outrem por reconhecer-se e ser reconhecido num mapa perdido, numa estrada interdita, num objeto desvalorizado, num pedaço de ferro ou prego de trilho abandonado. Os senhores levaram-me para conhecer uma região montanhosa que serviu à rede ferroviária para construção de um trecho da linha que ligava Porto Alegre à Caxias do Sul. Sem vestígio algum da passagem do trem ou da roça de onde os moradores locais assistiam ao aceno dos viajantes, toda a área encontra-se sob o cuidado dos urubus, que repousam sobre as árvores. O mato cresceu e invadiu a extensão de terras destinada a guardar as lembranças dos que ali plantavam e colhiam seu arroz, dos filhos dos agricultores que faziam festa e pirraça ao ouvir o apito da maria fumaça. Empunhando uma foice eles abriram caminho para alcançar o antigo trajeto percorrido pelo trem, em uma curva destas um dia ele atropelou alguém, tratava-se de um ferroviário, resignado a retirar galhos e demais obstáculos do caminho. O passado toma de sobressalto o presente, indagando sua pretensa linearidade, avista-se uma outra cidade possível, sustentada pela narrativa sensível que se incorpora e presentifica na carne, no gesto, na língua, na imensidão do céu por onde gravitam os pássaros.

Se o tempo é duração, conforme o define Bergson (2009), o passado prolonga-se no presente e o contrai formando uma memória que é simultaneamente devir. Isto implica pensar a duração enquanto variação, no sentido de um movimento constante do ser e do universo que não cessam de fluir. Ainda que assim seja, a ideia de continuidade não é desfeita, apenas transformada em sua própria essência. Trata-se da insistência da vida através de um passado que se conserva e se diferencia a todo instante, conforme vai crescendo, somando, dividindo e multiplicando experiências. Durar significa então mudar, criar, inventar e elaborar. Caberia aqui questionar: O que dura na história de vida dos antigos moradores de Salvador do Sul? Que memória é esta que se relança no presente com tamanha intensidade? O que o trem faz falar, ver e sentir? Seria possível produzir movimento e ruptura na narrativa destes senhores? Qual foi o papel desempenhado pela pesquisa? Quais os seus efeitos e agenciamentos? Cristina Rauter (2000), resgatando o homem doente de história elucubrado por Nietzsche, define-o como “um grande estômago que nunca consegue digerir o que tem dentro de si, ultrapassar, esquecer os sofrimentos de que foi vítima, desistir do que lhe falta, reconstruir o que foi destruído” (p. 28). Cicatrizar feridas, eis o grande desafio que se coloca para o homem do ressentimento, pois esquecer não é negar ou simplesmente evitar o passado, mas sim incorporá-lo de tal modo que venha a fazer parte das células de um organismo. Há que se contar com uma plasticidade para sustentar tais processos, que envolvem paradoxalmente avanços e recuos, fluxos e refluxos, repetições e diferenças. Afetar-se pelo que passou sem aprisionamentos ou culpas, simplesmente na tentativa de libertação da ação, criação do novo, experimentação do desconhecido, afirmação do intempestivo. As formas não poderão ser restituídas, a cidade está fadada a jamais retornar para a sua moldura anterior, o trem partiu para uma viagem sem volta, a plataforma de embarque custou a esvaziar-se e quando por fim não restou mais ninguém, vislumbrou-se uma névoa a propagar-se rapidamente pelo espaço.

Imaginemos como poderia a memória se condensar para formar uma nuvem que o vento é incapaz de soprar, como poderia o homem seguir em frente sem antes aprender a esperar o que não espera. Impedidos de ver estão aqueles que habitam a sombra úmida dos porões entulhados de arquivos, sobrecarregados de lembranças, soterrados em meio a impossibilidade de dissipar a neblina, furando-a, atravessando-a, esburacando-a com novas histórias. O que está por vir escapa em meio a vãs tentativas de reprodutibilidade do que foi, o futuro escorrega por entre as mãos calejadas que insistem em aprisionar o passado, impedindo-o de vagar despreziosamente por aí. Reconciliar-se com a inexorabilidade do tempo, dispondo-se a sua travessia, é a oportunidade que o ressentido tem de refazer sua relação com o mundo, reposicionando-se frente a vida de maneira mais propositiva e menos

reativa. Folhear as páginas do livro até encontrar uma em branco que permita ensaiar versos irregulares, heterogêneos e singulares, a partir de uma posição de autoria, acolhimento e responsabilidade pela escritura. Giacóia (2012) se utilizará do conceito de amor fati para pensar juntamente com Nietzsche este momento de virada, em que os sentimentos de impotência, vingança e culpabilização são superados por uma vontade que assume a fatalidade das coisas. Neste sentido, ao empunhar a caneta e ser tomado pelas forças do fora, estas levam um emaranhado de linhas, pensamentos e palavras de encontro com as obras do acaso, onde o imprevisível se recoloca a cada lance de dados. Para jogar este jogo há que se entender a repetição não como uma reapresentação prisioneira e ordinária do mesmo, todavia, na direção de uma aposta no reestabelecimento do devir e na reapropriação ou retomada de si.

*

Nos primórdios da civilização ocidental, o esquecimento norteava outro tipo de discussão, não tratava-se dele na perspectiva de uma impossibilidade, muito antes pelo contrário como uma presença ativa a arruinar qualquer ideia de estabilidade. Desvencilhar-se do ontem não constituía-se como um campo problemático, visto que apenas o instante era realmente importante, e, desta forma, flertava-se com a vida, levemente. Nietzsche (2009) irá sugerir que um alto custo esteve envolvido na aquisição desta capacidade de memorização, estreitamente vinculada ao desligamento do plano imanente e aos seus respectivos efeitos de paralisação do devir e do acontecimento (RAUTER, 2012). A crueldade atuou diretamente no incremento das forças reativas, ao produzir estas marcas que não puderam mais ser desfeitas, uma vez que gravadas na pele a base de sangue, fogo e horror. A dor ensinou a empenhar a palavra na promessa, exigindo-lhe cumprimento, impondo-lhe punição, enquanto que a moral cristã reverteu a dívida em culpa, assentando sobre a sua interiorização as pilastras de sustentação da má consciência. Nas entranhas do sofrimento é que passou-se a compreender a perpetuação de uma memória através dos tempos, fundada no martírio, sacrifício ou ressentimento. Identificou-se uma violência implícita a interferir e alterar a dinâmica do esquecer, promovendo a sua suspensão ao passo em que determinadas experiências se cristalizam e atravessam as décadas sem arranhar-se em demasia ou simplesmente apagar-se.

O fardo da história acompanha o homem desde a formação dos povos e da própria cultura, dando a ver uma espécie de paradoxo entre a realização da promessa, que impõe um contorno dentro do qual refluí incessantemente o passado indigesto, e a ruptura que deriva do que retorna como diferença, desestabilizando territórios e recolocando a possibilidade do transitório (PESSIN, 2014). O impasse enfrentado conduzirá a existência ao caminho da conservação ou de sua permanente reinvenção? A dissecação ou mumificação de uma árvore

ou de uma geração, inevitavelmente acarretará em sua morte e destruição, pela simples perda dos elementos vitais que lhe compunham. O presente é apunhalado pela saturação da memória, e a vida é justificada numa busca desenfreada pelas vitrines arqueológicas nas quais nada de diferente acontece, apenas perece. A desventura do futuro assombra a ordem de previsibilidade duramente conquistada pela sociedade, o “era uma vez” ecoa em alto e bom tom para superação do caos, abreviando sua intensidade com saídas imediatas oriundas do campo da representação, que opera na igualação do desigual e na fabricação de moldes e modelos. Com o advento da modernidade, segundo Nietzsche (2003), a ciência demonstrou grande interesse em utilizar-se da história no intuito de docilizar os corpos, impregnando-os de semelhanças, identidades e equivalências, cada vez mais distantes do campo do desejo e da diferença. Vislumbra-se a contrapelo um novo movimento delinear-se, fundado nos mesmos princípios de paralisia, trata-se da acumulação desimplicada de saberes e informação, que ao atordoarem os sentidos e o pensamento apontam estrategicamente para uma antiga e conhecida técnica de classificação e generalização. Será que poderíamos reassumir, reativar ou redescobrir um olhar desviante em meio a estes processos que resistem ao desconhecido, tomando-o por precaução como ameaçador e temido? Haveria alguma chance, ainda que pequena, de a história cultivar ou se colocar a serviço das paixões, do nômade e do mundano?

*

A cartografia, como método inventivo de produção de conhecimento, se propõe a acompanhar processos, deslocando-se, portanto, da simples representação de objetos (BARROS; KASTRUP, 2009). As intensidades que advém do contato com a alteridade tomam o lugar das essências e transcendências, sendo a tarefa do pesquisador justamente “dar língua para afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2006, p. 23). Habita-se o campo a ser investigado sem o propósito de confirmar resultados, aceita-se o desafio de compartilhar a caminhada que não está dada, já que as regras e metas serão criadas. A experiência assume assim papel principal na constituição dos saberes, exigindo um trabalho ombro a ombro com os demais atores engajados num plano comum. Composições e misturas entre heterogêneos asseguram a abertura ao singular, desviando das tendências de simplificação e universalização. A intervenção passa a estar orientada pelos seus efeitos políticos de transformação da realidade, o cartógrafo é um aprendiz que cultiva um tipo de atenção, de sensibilidade e envergadura para envolver-se na geração de novos modos de subjetivação. A ciência, neste caso, está atrelada a uma história que não se fecha sobre si mesma, pois permanece inacabada e distante das verdades dominantes. A pesquisa e a escrita veem-se surpreendidas pelo imprevisto dos agenciamentos coletivos, que desassossegam os instituídos.

A cartografia profana os planos e projetos em nome de um por vir incerto, que colapsa com as hipóteses, metodologias e cronogramas delineados antes dos pés tocarem o chão: tudo despenca ao nos vermos imersos no presente, desalinhando o passado para reinventar o futuro. Paradoxal ética trágica da memória cartográfica: a promessa de descumprir promessas. Os encontros trazem uma potência de desestabilizar os traçados, expandindo os rumos anteriormente imaginados. Quando os sujeitos lançam as suas questões, restam-nos ao menos duas opções, ignorá-las ou incorporá-las as nossas próprias inquietações. Ao reconhecer as curvas e dobraduras como notas legítimas da partitura, aderimos ao balanço que sem descanso nos desacomoda. Os senhores do grupo apontam o seu constrangimento para com o texto acadêmico que lhes seria oferecido ao final da pesquisa, posicionando a dificuldade de leitura e compreensão, bem como de divulgação e propagação na comunidade. Eles me convocam a instaurar coletivamente uma bifurcação: ora, o que faremos então? Certamente, não trata-se de emudecer ou tornar invisíveis tais discrepâncias, divergências ou dissonâncias, ao mesmo tempo em que não está posta de antemão a sustentação de outra posição. Neste sentido é que o cartógrafo se aventura pela escuridão, pelo desconhecido e pela indefinição, mantendo-se atento as luzes excessivas que provocam cegueira, uma vez que dispensam a dúvida e a incerteza ao se acenderem. Por mais que se busque afastá-lo, o imprevisível bate a nossa porta, tornando-se (ou não) matéria-prima do trabalho. A aposta, neste caso, é que as parcialidades, percalços e singularidades sejam levados em conta na prática científica, permitindo o entrelaçamento de afetos e pensamentos, forças e formas, dos saberes e a vida.

A partir dos ensaios e conexões que vão se tramando entre as artes e as ciências, entre o plano de coordenadas e o plano de composições, descobrem-se passagens para os sensíveis em meio aos conceitos e suas abstrações. Não existe a intenção de erigir um saber absoluto, independentemente do seu campo de orientação, visto que salienta-se a variação da variação, onde o controle e a planificação acabam por defrontar-se com a multiplicação de enredos, espaços e personagens. Ao engendrar hibridismos que deslizam, atravessam e complexificam as fronteiras, obtém-se a expansão rizomática de suas imbricações e relações. A totalidade passa a ser então questionada pela existência sempre inacabada, que empresta-se aos sentidos transitórios e fulgurantes. A fabricação de modos de ser perpassa estes processos de montagem e desmontagem das verdades unívocas e homogeneizantes. Rompem-se os limites das operações que almejam a estabilização dos fluxos, ao passo em que são acolhidas as tensões, ambiguidades, contradições, parcialidades, incoerências e contingências inerentes à constituição de toda e qualquer pesquisa. As interferências que se intensificam entre a filosofia, a arte e a ciência destituem os binarismos duramente estabelecidos, convocando-lhes

a tornarem-se fluidos, porosos e transponíveis. “Abandonamos a transcendência desencarnada dos conceitos, proposições e funções, para tomá-los como vulgares e mundanos” (COSTA; FONSECA, 2016, p. 198). Embaralha-se o inteligível e o sensível sem abrir mão de um rigor que está baseado justamente na sua potência de criar mundos até então insuspeitos. Os passos é que forjam o percurso, seus cursos e decursos, suas intensidades e velocidades. O autor-compositor mantém-se desperto para as vibrações que misturam-se aos seus versos, melodias e imagens do pensamento, assegurando-lhes um certo movimento. A experiência não se conforma tão facilmente aos juízos morais, pois não se detém a responder se a narrativa é falsa ou verdadeira, legítima ou ilegítima, real ou inventada, já que não é este lugar que se propõe a ocupar e desde onde pretende falar. Assume-se assim um posicionamento ético que acompanha a tessitura dos fios em sua multiplicidade, descompasso e obscura luminosidade.

A memória agencia uma transição na extensão da superfície percorrida, deslocando o trem e o trabalho no ritmo em que a obra se dobra, deixando suas antigas paisagens em detrimento de outras viagens. A pesquisa realizada anteriormente passa por um processo de corte, irrompendo em fragmentos vários, seu plano de coordenadas bem estabelecido e sua relação aos eventos e a localidade que refere são deslocados, rearticulando-se em um plano de composições que problematiza a ética da memória, bem como suas implicações com o contemporâneo, a clínica, o envelhecimento e a cidade. As estações se aproximam ao som de inéditas canções, os trilhos não são imóveis, salta-se por entre os vagões. Cartografa-se as desmesuras, os deslizos, desmanches, estremecimentos e rupturas, considerando-se relevante não o um ou o mesmo, mas, sobretudo, o alargamento ou abertura do atual para a proliferação das suas virtualidades (FONSECA; COSTA; MOEHLECKE; NEVES, 2010). Os impensados agenciam novas linhas de ressonância e reverberação na trama sensível da escrita, desviando-a dos trajetos conhecidos e impulsionando-a a ultrapassá-los, na medida em que o ritornelo deforma e extrapola um território, a partir do eterno retorno da diferença. As reviravoltas que desencantam e encantam moradas levam a pesquisadora a experimentar um “fazer ciência no qual a criação do artifício passa a ser também a criação de si” (SILVA; BAPTISTA, 2014, p. 34). Ao embarcar e desembarcar, retroceder e avançar, erguer e derrubar, nota-se, assim como na fotografia, que a questão não é descrever ou restituir o passado, reproduzindo uma realidade com ênfase na sua força de coesão (BARTHES, 1984). Importa-nos o detalhe ou o “*punctum*”, com sua capacidade de produzir efeito e expansão, que conduz a leitura e a imagem à deriva pelos meandros do desejo e da afetação, onde o viajante é forçado a parar e pousar por um instante. A desmedida daquilo que transborda e faz delirar obriga-nos a pensar,

exercício este que possibilita abandonar os mapas que não se detém à complexidade dos lugares e, que, por isto, não se dizem capazes de perceber e apreender as suas singularidades.

Fantasma em movimento: o corpo-pesquisa ensaia um devir locomotiva

Retrato de meados de 1900

Na década de 1890 a viação férrea trouxe para Salvador do Sul os trabalhadores que se dedicariam às escavações, perfurações e construções de pontes, bueiros, túneis e estradas. Os moradores locais presenciavam constantemente as brigas nos canteiros de obras, vindo a encontrar mais tarde os corpos sem vida lançados em queda livre de um enorme precipício. O grupo de homens diminuía a cada dia, exacerbando a tensão e alongando o término para a inauguração da estação. Alguns anos depois, os viajantes que cruzavam a região à noite relatavam ouvir vozes e lamúrias em torno do trem, passando a acreditar, tal como os mais velhos, que tratava-se das almas sacrificadas na colocação dos trilhos. As histórias pregressas se misturaram com os incidentes que não demoraram a acontecer, envolvendo o atropelamento fatal de animais, crianças, idosos e funcionários incumbidos da ronda na linha.

*

Em 1909 inaugurou-se a ferrovia em Salvador do Sul, após um longo período de planejamentos e ações que colocariam em funcionamento as viagens de cargas e passageiros pelo interior do Estado do Rio Grande do Sul. Em meados de 1980, quando da retirada dos trilhos, trens e vagões, o túnel e os bueiros que imitavam o seu desenho foram desativados, as duas estações e o antigo galpão que servia para carga e descarga de utilitários transformaram-se ou em moradia ou em sede de atividades municipais, o colégio dos seminaristas foi revendido para a iniciativa privada, ao largo da abertura que comportava a passagem das máquinas fumegantes, construiu-se uma creche, um ginásio de esportes, uma igreja e mais um apanhado de casas. Paulatinamente, os prédios que abrigavam comércios e famílias naquela época encontraram substitutos no território da cidade, que embarcou rumo à realização do projeto industrial, ensejado sobretudo pelo progresso econômico. A comunidade até então conhecida como São Salvador, nome atribuído à sua estação ferroviária, começou a ser chamada de Salvador do Sul, na medida em que abandonou os pontos de referência antes utilizados. Os ambientes de trabalho modificaram-se, tal como o habitual e familiar cenário: o pórtico de entrada presenciou a chegada de pequenas aglomerações interessadas em preencher as vagas de emprego ofertadas e os domicílios nas imediações das empresas recém-fundadas.

O espaço não mostrou-se resistente as mudanças, conformou-se facilmente com a sua reocupação e reutilização, o mesmo não ocorreu com as pessoas, que consternadas com a ausência de suas antigas imagens, amarguraram-se perante a nascente remodelagem da paisagem. Os ventos reinventaram sua direção, suprimiram certos ruídos, cores e odores em detrimento do surgimento de outros possíveis, operou-se uma transição obscura, de linhas

irregulares e incertas, em profunda atividade de dispersão e reorganização. A sobreposição dos detalhes, das gerações e dos lugares reverberou de maneira a lentamente ofuscar o brilho das fotografias, aumentando a distância percebida para com os velhos hábitos e costumes, naturalizados nas malhas de um cotidiano que não persistiu e aos poucos sumiu. A experiência dos antigos moradores da cidade ocupou as margens de um rio em movimento, no entanto, abstendo-se de acompanhá-lo, ela enrijeceu-se e petrificou-se junto ao solo. A correnteza seguiu e não viu os que deixara para trás, provavelmente temerários e receosos quanto a sua incerta e imprevisível direção. Não existe a chance de reaver uma gota de água que acabou de escorrer, portanto, a irreversibilidade dos processos em curso acarretará em necessárias perdas, reconciliações e transmutações, capazes de afirmar a vida em sua mais alta potência. O acolhimento daquilo que não é, não foi e não será, permite inverter a posição de impotência que outrora se instalou sobre o homem do ressentimento, impedindo-o da decisão de não mais reagir, como o soldado russo esgotado que finalmente repousa junto à neve (GIACÓIA, 2012). Admitir, aceitar e receber, tal como prosseguir e esquecer, encontram-se no avesso da frustração, do ódio, da vingança e da negação, de modo que conduzem a parar de lutar por um passado que a vontade não pode alterar ou refazer. Para Agamben (2006), “todo o poder de agir é constitutivamente um poder de não-agir” (p. 20), ou não passar ao ato, desta forma, a potência revela sua passividade diante da inelutável condição de passagem do tempo. Quando propõe-se um trabalho de pesquisa sobre este campo problemático, supõe-se imprescindível avaliar os riscos envolvidos, considerando a possibilidade iminente de obter-se como efeito de uma intervenção a produção de igual ou maior estagnação. A pretensão de liberação dos fluxos e de constituição de novos territórios existenciais, onde a memória seja tensionada pelo esquecimento e pela criação, coexistem lado a lado com os mergulhos e sobressaltos pelo universo da escuta, do afeto, do encontro e da narrativa que se quer ação.

A indagação sobre o momento em que um projeto inicia é tão imprecisa e complexa em sua resolução quanto a percepção acerca do instante em que ele chega ao fim. Recordo-me dos movimentos que fiz para levantar os nomes dos senhores aos quais eu procuraria para dividir a proposta de formação de um grupo. A lista escrita à mão aumentava a cada porta que se abria para me receber, as histórias sem demora trazidas à tona remetiam a uma extensa rede de personagens que viriam a ser acionados para composição desta trama. Os fios tecidos pouco a pouco permitiram a colocação das cadeiras num círculo em expansão, em profícua e apurada multiplicação de elementos, enredos, risos, silêncios e hesitação. Os versos se misturavam, se partiam e se reformulavam na construção de um plano comum, a bricolagem dos sons, das espacialidades e dos olhares indicavam heterogeneidades a se entrelaçar,

materializando-se numa obra singular, habitada por todos e por qualquer um. As vozes entravam e saíam de cena oferecendo ressonâncias dissonantes, lacunas inapreensíveis, uma verdadeira metamorfose ambulante. Coletivamente engendrou-se processos importantes de diferenciação, fosse em relação à memória do trem ou aos percursos e percalços do pesquisar.

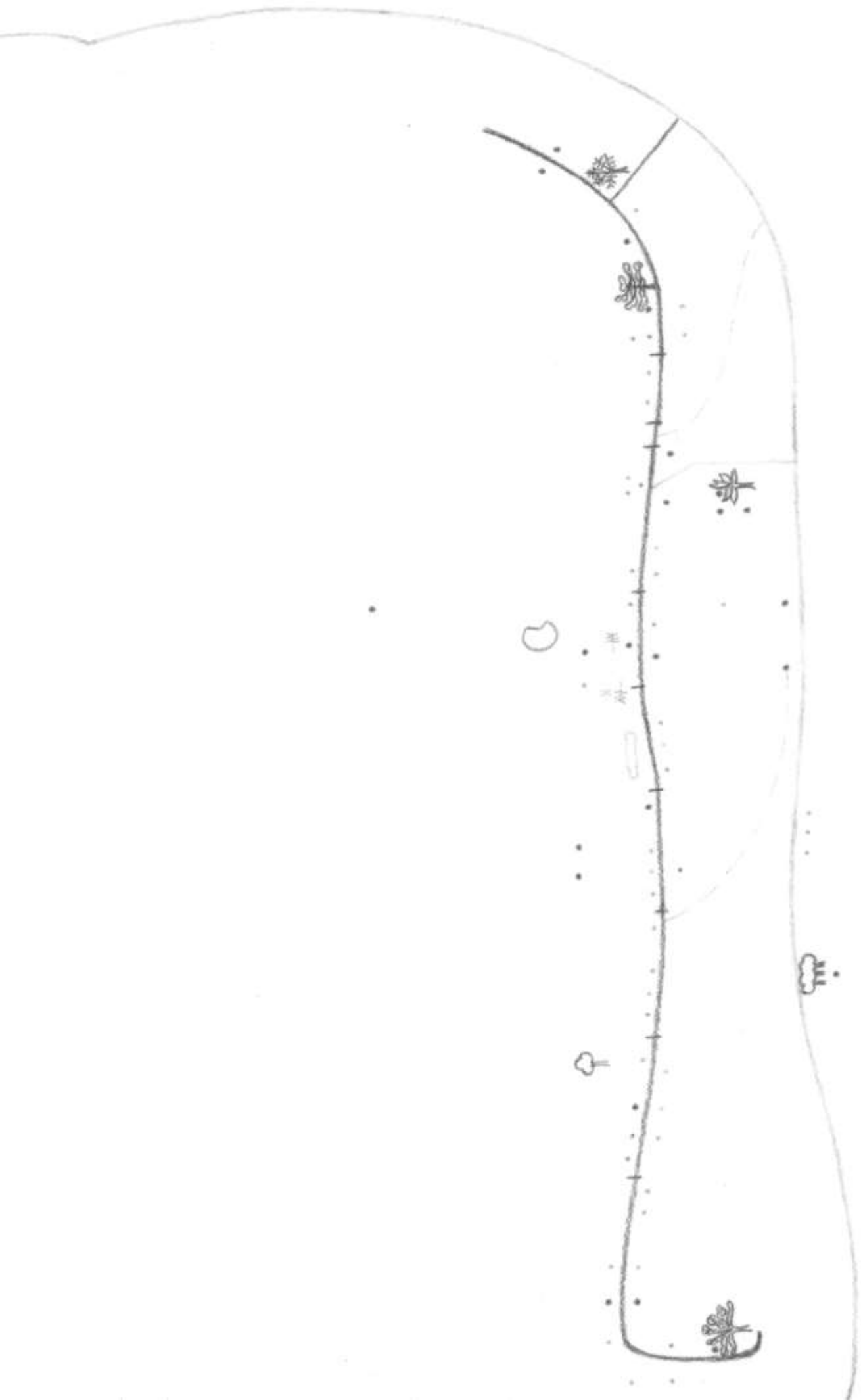
A caixa preta de um trabalho guarda suas imperfeições, impasses, parcialidades e limitações, todavia, são justamente estas características que lhe asseguram um corpo sensível o bastante para ser tocado pelo outro da pesquisa, o sujeito, o participante, ou quem sabe, o itinerante que aceita embarcar conosco nesta viagem. As implicações éticas de nosso fazer ultrapassam os protocolos instituídos, aplicados massivamente independentemente do contexto, da população ou questão a ser abordada. Por vezes, fingimos não ver que apesar de os termos de consentimento livre e esclarecidos estarem assinados, nem tudo encontra-se resolvido, dado o constrangimento produzido nas mãos trêmulas que vacilam ao tentar firmar-se junto a caneta e o papel. O que dizer então das enciclopédias técnicas, científicas e acadêmicas utilizadas para subsidiar uma devolução? Onde estará a responsabilidade política, social e cultural que assume-se diante das pessoas, instituições e comunidades com as quais se estabelece um vínculo? Haverá sentido naquilo que pensamos para estas vidas? Certamente, deslocar-se é preciso, assim como dispor-se a aprender e a realizar conjuntamente, com a colaboração dos múltiplos atores e saberes existentes. O papel do pesquisador guarda a experimentação de uma inevitável interferência, pois sua presença ecoará dentro e fora dos espaços que vier a ocupar, endereçado pelas suas apostas, inquietações e desejos. Os tracejados que conectam ilhas num mapa inventado, acionando o inusitado, inédito e impensado, fabricam vagalumes para a escuridão, capazes de acender-se e também apagar-se.

O tempo do presente, de acordo com Schöpke (2009) e Lobo (2004), é o único que proporciona aos corpos agir e padecer, na fugacidade e efemeridade do acontecer. O trem, bem como a pesquisa, enquanto elementos estrangeiros, instalaram-se dentro de um presente, agenciando devires, organizando espaços, facilitando interações, agregando forças as mutações e decomposições. São Salvador, antes da viação férrea, vivia sobre uma outra narrativa de si, desconhecida para nós, porém, amalgamada pelas distintas relações estabelecidas entre pares, com o chão da cidade, com o comércio e a ruralidade. Estas experiências não sobreviveram e, portanto, deixaram de circular em palavras, lembranças e imagens. Para Halbwachs (2006), o grupo e as testemunhas que mantinham acesa a chama desta memória, ao desaparecerem, simplesmente decretam o seu fim, dada a circunstância de sua duração finita, ainda que ilimitada. O ambiente que até então servia de sustentação para determinadas histórias, modificou-se com a chegada dos trilhos, reinventando sua fachada de

acordo com a nova época que começara. Quando a rede ferroviária retornou para efetuar o fechamento da linha, a comunidade desacreditou-se do presente, passando a investir em um passado que eles imaginavam jamais ir embora de forma tão abrupta e cruel. De fato, as gerações em questão perpetuaram por longos e duradouros anos esta recordação, buscando impedir a sua dilaceração mesmo diante das perdas sofridas, sobretudo, dos companheiros. A pesquisa surge justamente no momento em que os últimos lugares nos últimos vagões do trem da memória estão sendo preenchidos, ela em alguma medida é este trem, mas é paralelamente um devir locomotiva, e por isto carece dos movimentos de configuração de um insurgente presente. As intensidades que lhe atravessam forjam alianças solidárias de potencialização da criação, reúnem os pequenos lampiões em torno de nascentes escolhas e decisões, já não é mais só fraqueza ou ressentimento, estes aliás nunca são ou serão puros em suas apresentação.

O passado, conforme elucidado por Pierre Nora (1993), “é esse mundo do qual estamos desligados para sempre” (p. 19), e que sobrevêm através de uma memória vulnerável a toda e qualquer deformação, uso, interferência e manipulação. Nesta perspectiva é que Didi-Huberman (2013) irá afirmá-la no campo da errância e dos anacronismos, lembrança feito imagem esburacada, recortada e reposicionada, enraizada no concreto e no gesto que lhe dá passagem. Obra flutuante, híbrida, caleidoscópica e contrastante, já que entremeada por luzes e sombras, superfícies e fundos, agudos e graves, lisos e estriados. Os senhores desembarcam em uma estação, comunicando o término da viagem e revelando à pesquisadora a inelutável ambiguidade do instante de chegada e partida. Ainda que os efeitos transbordem e ressoem, o acontecer da pesquisa está, tal como a vida, circunscrito a um presente que se enche e se esvai, se contrai e se dilata, se corporifica e se dissipa. Não existem certezas ou garantias, apenas cintilações, faíscas e ramificações, linhas que pululam ao acaso, movidas pelo desejo, que ora se ocupa de um território, ora o extrapola, num ritmo incessante de desmantelamento e recomposição. Visibilizar na escrita estas diferentes camadas da memória que se sobrepõem na experiência do trabalho, implica questionar-se incansavelmente a respeito da abertura de que dispõe-se para implementação do novo e da diferença. A criação e proliferação de sentidos só é possível quando, em alguma medida, deparamo-nos com a perda irrecuperável do que foi vivido, abrindo mão da intenção de resgatá-lo ou reavê-lo, impondo-lhe uma continuidade inconcebível e irrealizável. Eu retornei para Salvador do Sul mais de uma vez com a expectativa de que o grupo mantivesse seus encontros, e o fizesse sobre a delimitação de objetivos coletivos que pudessem localizar-se aquém da realização do meu projeto. O afeto que me mobilizara desde o início ainda estava lá, pulsando nas remanescentes tentativas de contato com os antigos moradores e reativação da rede que estes compunham. O fracasso de

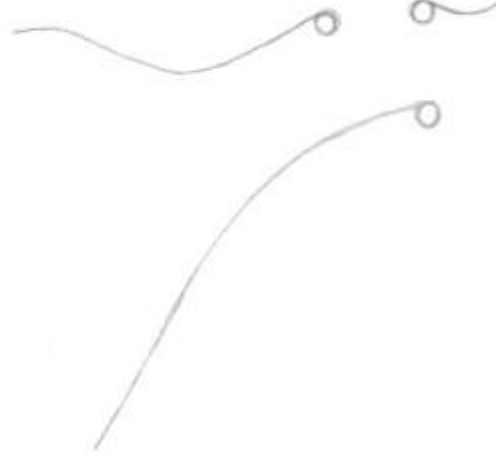
tais ações forçou-me a considerar a posição que eu passara a ocupar, problematizando até que ponto esta não reproduzia uma força reativa perante os fatos. O caminho da improvisação e do risco prescinde das análises baseadas em juízos totalizantes, que enclausuram a consistência do processo em erros, equívocos, falhas ou sucessos, quando, na verdade, o próprio andar dispara a fuga, que subverte o plano ou a canção em aventura (COSTA, 2008). O trem da pesquisa seguiu, neste vacúolo de tempo a cidade deslocou-se, tal como ocorreu com os senhores depois que a última locomotiva partiu e com a pesquisadora depois que esta afastou-se. Questiona-se então quais serão as contribuições que este campo terá para oferecer, apostando em sua envergadura para acolher a dúvida sob uma ética do sensível, capaz de engendrar saídas insuspeitas para os vagões carregados de histórias prestes a descarrilhar e por outros rumos enveredar. A diminuta brasa acesa não cessa de pôr as ruínas para queimar, o fragmento seguinte distende os limites ao passar, a experimentação está em curso a galopar.



O antigo armazém de madeira desapareceu
substituído a espreite junto ao prédio de
avenida que apareceu

O agente foi embora
colaboraram classes e
Vrou escola

Itanos e lettores adentraram a casa do enlutado
uma biblioteca proporcionou-lhe outra vez
banho e circulação



O curtiú se transformou em
supermercado, com a chegada das
indústrias o alfaiate e o
sapateiro ficaram desempregados



onde passavam os turistas
engajaram-se construtores
o bairro que se formou na
velandesa começou o nome de

piso traseiro, telhado reformado,
paredes pintadas e público renovado

seguem pela asfalto com as
contínua, as várias foram
ou fechados e as
dormentes
desembaralhadas

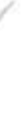
aparelho

em
máquinas: derrubadas, lamparinas,
casas e ratões



um caminho no meio do
cidade dos lugares lojas
de vestimentas e calçados

chão batido desocupado
pela ferrada e ocupado pelo



Vozes que pedem passagem: a velhice transforma os restos em estrada

Retrato da retirada dos trilhos

Naquela manhã em que tudo estava sendo levado embora, carregado em caminhões e amontoado nos galpões, um dos senhores percorreu o trecho da linha a pé, buscando encontrar os restos que os homens por engano ou indiferença deixaram para trás. O que mais se via eram os pregos enferrujados dos trilhos e os fios de cobre dos postes do telégrafo. Na extremidade destes postes havia vidrinhos coloridos, oriundos do estrangeiro, em sua maioria despedaçados após a forte intervenção das mãos de outrem. No entanto, alguns poucos sobreviveram intactos, exceto por meia dúzia de arranhões. O senhor os ajuntou e distribuiu para os conhecidos, guardando para si um azul escuro e outro quase branco: são suas relíquias arqueológicas, os enfeites de sua varanda, uma recordação latente do que passou e foi embora.

*

No entardecer da existência, o homem se defrontará com um corpo a envelhecer, que tornar-se-á produto e produtor de determinadas demandas sociais, ora a lhe convocar, ora a lhe destituir do lugar da palavra e da ação. Os antigos moradores de Salvador do Sul assinalam que não há abertura na comunidade para que sejam escutados, afirmam um desejo de interagir com os mais jovens, contribuindo nas discussões que permeiam o futuro da cidade. No entanto, os convites que lhes chegam estão direcionados para atividades de lazer, propostas de turismo e espaços de convivência entre pares, sem qualquer implicação com a produção cultural local e intergeracional. Eles estão à margem, ocupando zonas escuras de silêncio e esquecimento, abstendo-se de lutar por alternativas mais dignas. Se pelo prisma do trabalho são considerados improdutivos, pela lógica do consumo são vistos como potenciais compradores, aos quais o capitalismo se dedica instaurando um mercado específico para a terceira idade (ROSA; VILHENA, 2016). A velhice participa da sociedade contemporânea, onde está submetida a um discurso pedagógico que lhe infantiliza ao prescrever desejos e condutas. O sujeito é convocado a ocupar o lugar de idoso do estatuto, aposentado da previdência, paciente da medicina e cliente da indústria, o que é inegavelmente cruel do ponto de vista das suas singularidades e sofrimentos. Para Beauvoir (1990), as árvores que foram plantadas por esta geração serão exterminadas, bem como os seus negócios liquidados, uma vez que os filhos não recomeçarão seus pais. O progresso interfere sobre a tão sonhada manutenção e continuidade das coisas, salvando-lhes, segundo Benjamin (2009), da catástrofe da inatividade, ou ainda, do perigo de nunca mudarem ou de nunca se abrirem ao inédito e revolucionário, reconciliando-se com o passado e a tradição distanciados. Na contramão de trazê-los à mesa, os mortos com as suas certezas, Nietzsche (2003) sugerirá que se estabeleça

uma separação, pela saúde dos vivos, não incorrendo-se no risco de transformar o presente num grande coveiro para os ausentes. Trata-se, quem sabe, de tentar libertar-se da dívida para com os antepassados, utilizando-se dos deuses não como o cristianismo o fez, para impregnar o ser humano de culpa, todavia, para ajudá-lo a ter realizações na vida (NIETZSCHE, 2009).

O imperativo de dar seguimento a uma história acompanha de certo modo a escuta que transforma o simples ouvinte em testemunha, ao passo em que constrói-se um compromisso ético de perseverança e reafirmação das lembranças. O sujeito encarregado pela transmissão e cristalização de uma memória, habita fronteiras nebulosas entre a conservação e a invenção, caindo por vezes num abismo de tentar superar o inevitável esquecimento e apagamento das marcas pelo tempo. Caberia então pensar nas ferramentas ou recursos que uma cultura ou uma comunidade têm para constituir-se na transitoriedade, abrindo mão da eternidade, que por si só decreta o fim de tudo que vive. Poder-se-ia supor, tal como Pierre Nora (1993), que as estratégias implementadas para consagrar a memória atuam sob o alto custo de revertê-la em história, arrancando-a, portanto, da profundidade de sua época e convertendo-a em lugares. A ânsia pela criação de arquivos e acumulação de vestígios surge da intenção de ultrapassar a fragilidade com a qual se deparam a palavra e o pensamento, efêmeros e suscetíveis ao varrer do vento. Entretanto, tais movimentos são complexos e guardam suas ambiguidades, visto que alguns grupos se utilizam destes meios para produzir uma língua menor, uma língua estrangeira, capaz de dar voz a povos invisíveis (DELEUZE, 1993). Nestes casos, as ações costumam ser mobilizadas por embates e debates que apontam para campos políticos circunscritos a uma verdade dominante e homogeneizante, perigosa pela cegueira que induz. As variações introduzidas nas narrativas, bem como seus efeitos de divergência e dissenso, contribuem para que territórios múltiplos sejam explanados e experimentados, ainda que sob o prisma de uma ondulação um tanto quanto identitária. A mulher, o velho, o negro, o indígena, assim como muitas outras minorias, buscam reunir forças para instituir espaços de fala, reconhecimento e legitimidade, assumindo posições de resistência e igualmente de militância.

Quando adquire-se a capacidade de usar o que passou sem negar ou anular o devir, o ressentimento implicado com a manutenção das formas sofre uma intervenção, que lhe incita ao fora e a alteridade. A porosidade na memória do trem alavancou escapes, simulações e composições inesperadas em meio aos versos regulares, os senhores aventuraram-se por caminhos desconhecidos, ensaiando novos traços e andares. Eles propuseram um encontro na rua, com o intuito de que percorrêssemos o centro da cidade a pé, compartilhando impressões e lembranças de antigos estabelecimentos e moradores. O dia amanheceu cinza e tamanha foi a minha surpresa ao avistá-los entusiasmados, cada qual com o seu guarda-chuva, aguardando

o horário combinado para partirmos. Embora estivéssemos em um cenário de trânsito cotidiano, o modo de percorrê-lo e a intensidade dos afetos envolvidos proporcionou a configuração de uma experiência singular, alheia a tudo que vivenciara-se até então. Recolocara-se ali a disponibilidade para agir, para construir, planejar, criar e improvisar, o grupo passou a considerar a escrita de um livro e a intersecção com a comunidade e a prefeitura. Instaurara-se uma abertura para multiplicar os sentidos atribuídos a esta memória, que não simplificou-se a ponto de ser isto ou aquilo, agregando sem igualar as notas díspares do ressentimento, da resistência, do deslocamento e do acontecimento. É necessário, segundo Nietzsche (2003), reaver a possibilidade de fazer história mais uma vez, seja ao reinventar as cenas da pesquisa, seja ao reescrever a trajetória de seus personagens, nas sutilezas do vagar deriva-se para outro lugar. Os hibridismos revelam a constituição destas fronteiras fluidas, onde as imagens do passado já não aspiram reconstituição, interessam-se antes pela obra do artista que tratou de pintá-las, esquecendo-se logo em seguida e recomeçando na próxima tela. Mesmo que o artista abandone tais imagens, deixando-as para trás e seguindo em frente, elas sempre farão parte da obra de sua vida, e esta é a fina e sensível sintonia entre lembrar e perder, durando-se quando em constante metamorfose e exercício de reescrita de si no mundo.

O retrato como inelutável inacabamento da viagem

Retrato das imagens da paisagem

Com as malas na mão o transeunte aguardava o embarque na estação. Dificilmente o trem de passageiros se atrasava, ao longe se vislumbrava a sua imponente nuvem branca de fumaça. O destino à Caxias do Sul seguia por Barão, Carlos Barbosa, Garibaldi e Bento Gonçalves, ao passo que para visitar a distante Porto Alegre atravessava-se o túnel da Linha Bonita, contornando montanhas e vales para chegar até Montenegro. Logo na saída assistia-se ao adeus dos parentes e amigos, em seguida, o olhar junto a janela surpreendia-se com as grandes plantações e matas nativas, que de repente transformavam-se em luzes multicoloridas e ruídos do asfalto da cidade. No desembarque, aquela felicidade, tamanha era a curiosidade ao se deparar com outras pessoas e lugares, os dias corriam depressa e a saudade aumentava conforme a distância e a demora em retornar de viagem. Situação distinta acontecia se o motivo da partida entristecia, como quando alguém adoecia. A espera era longa para quem dependia de medicamentos que o trem trazia, assim como o pão, o tecido, as correspondências, os materiais de construção, os utensílios domésticos e o próprio rádio e a televisão. Ao mesmo tempo, despachavam-se vagões com lenha, couro curtido, galinha caipira, amendoim, repolho, ovos, queijos e as fatiotas sob encomenda tecidas pelos alfaiates.

*

Um retrato poderia ser definido como aquele que reapresenta o passado, descrevendo seus traços, contornando seus atores e espaços. O retrato, nesta perspectiva, remeteria aos quadros antigos de família, pendurados em destaque nas paredes tão imóveis quanto eles. Por outro lado, tal como o relógio que visa controlar as horas, deixando-as escapar, as linhas que compõem o retrato o extrapolam, exacerbando antes a sua diferença do que a sua suposta conformidade e igualdade. Os versos do passado se atualizam no presente, sob a forma de um retorno que não é do mesmo, do idêntico, do já visto ou conhecido. A moldura ou o território em questão redefine a sua relação com o caos, reorganizando os afetos e refazendo os trajetos, ao contrário do que suporíamos, não há reprodução de uma história, todavia, sua permanente reinvenção. O retrato então desloca a imagem narrativa, produzindo borrões, misturas, recortes, transbordamentos e colorações, ele não é mais um meio de cristalização e estagnação dos fluxos, mas uma via para o duplo movimento de desterritorialização e reterritorialização do desejo. Retrata-se o inapreensível, conferindo-lhe um som, uma vibração e uma transição, trabalha-se com as sutilezas que não aspiram travestir-se de certezas, brinca-se com a circulação do fortuito, corriqueiro, cotidiano e singular. Opera-se através da distinção, combinação e articulação de fragmentos e elementos heterogêneos, sem planificá-los ou

equipará-los, assegurando um grau de consistência e de autonomia aos personagens e as paisagens que formam o plano de uma obra (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Misturadas aos retratos constituídos encontram-se as fagulhas que disparam novos agenciamentos, à maneira dos ritornelos, que ora utilizam-se das forças para compor uma morada, ora para desposá-la. O reconhecimento do estrangeiro na repetição e o desencadeamento das linhas de variação, a partir da conjunção e alternância entre as notas do ressentimento e da criação, asseguram aos versos da pesquisa um campo de duração, responsável pela experimentação e implosão das formas estabelecidas. Os quadros passam a imprimir indagações e não convicções e soluções.

Aranhas na teia: o trem como operação poética de composição

Nostalgia da Luz (2010) e O Botão de Pérola (2015) realizam junto ao Deserto do Atacama e ao Oceano Pacífico uma operação poética de transdução: reúnem as diferenças sem reduzi-las a uma identidade, no contato com a multiplicidade descobrem passagem para a complexidade, que exige do pensamento costurar os contrastes pelas suas potencialidades (COSTA, 2012b). Os astrônomos buscam corpos celestes, as mulheres os desaparecidos da ditadura militar, a água que outrora era habitada pelos povos nativos, guarda em suas profundezas os restos dos extermínios. Os indígenas construía suas canoas para percorrer longas distâncias através do mar, ao passo em que os telescópios oferecem a luz necessária para que as estrelas se aproximem do olhar. Encanto e espanto provêm deste vagar que se lança sem saber o que irá encontrar, visto que tudo está a se mover e a se reinventar, a vida e a morte não cansam de se entrelaçar. Eis que, de repente, surge um botão, porém, não é na roupa que ele se costura, mas em um trilho coberto por insuspeitas misturas, as quais não param de se proliferar. As vítimas reaparecem nos ínfimos detalhes, nas lacunas e nos estilhaços, a ausência dos corpos continua a violentar àqueles que mesmo cansados seguem a procurar. O Chile encontra vozes para testemunhar a sua história, sem subtrair da memória do presente o seu passado de genocídios, que o solo e as ondas fazem regurgitar, mostrando nas superfícies um fundo que lhes solicita (DIDI-HUBERMAN, 2012). As camadas do tempo justapõem-se sobre a pele das árvores, como em Auschwitz, permitindo ver a composição das cascas e dos rastros que persistem sem resolução ou definição, uma vez que submetidos à ação dos ventos vindouros. Segundo Baptista (2013), “após a tempestade nada permanece incólume” (p. 61), a menos que se tenha erigido um museu com a intenção de amenizar, encobrir ou silenciar as forças do intempestivo contidas naquilo que retorna. O esquecimento engendrado pelo Estado coexiste lado a lado com a impossibilidade de seguir em frente que acomete os sobreviventes, trazendo à tona a necessidade de um trabalho de luto e elaboração (GAGNEBIN, 2006). Em Paine, localidade situada ao sul de Santiago, as políticas de reparação reuniram três gerações distintas envolvidas com os campesinos desaparecidos durante o golpe militar de 1973. As homenagens, inscritas em mosaicos multicoloridos, dão a ver o campo, as plantações, as mãos empunhando a enxada, mexendo na terra e semeando o grão, os balaios carregados, os tratores e cavalos, o time de futebol, as crianças e a viola que reunia-os em torno de uma canção. Os nomes que denunciam a impunidade são retirados da invisibilidade e atribuídos de legitimidade, no ímpeto de transpor a dor lutando-se pelo futuro.

No plano que concerne à pesquisa, o trem, tal como o deserto e a luz, a água e o botão, exerce um papel de conjugação dos feixes e tramas que envolvem a memória, o grupo, a

cidade, a universidade e a pesquisadora, descomprometendo-se quanto à fabricação de unidades homogeneizantes. Subindo nos trilhos, deparamo-nos com a seguinte composição: descontinuamente ele vai variando em sua direção, embaralhando o tempo, oferecendo-se à sobreposição. As imagens do cotidiano de um vilarejo se emprestam provisoriamente como o início da linha, em seguida, vem o asfalto que lhe empurra para fora dos contornos daquela cidade. A máquina reencontra um caminho quando este é desenhado pela pesquisa, que primeiramente percorre o trajeto de Salvador do Sul à São Leopoldo, e, posteriormente, parte do interior em direção a Porto Alegre. A passageira que desce deste trem convida os moradores a subir também, descortinando o horizonte com antigas e novas inscrições, com os corpos em aceleradas e pausadas movimentações. Os vagões que acomodam as lembranças e os registros dos trilhos, encontram-se em agitada manobra de experimentação, a pesquisadora aos poucos constrói, junto dos seus atuais companheiros de viagem (professores, colegas e autores), notas ensaísticas de uma nova escritura. A obra é submetida aos borrões, apagamentos e desorientações que destituem as formas no intuito de consolidar outras tantas, sólidas o bastante para se afirmarem no mundo, porém, vulneráveis a ponto de rasurarem-se uma vez mais. A fuga que o rizoma dispara, agenciado pelo desejo, proporciona que nas esquinas dos parágrafos e nas avenidas das páginas, o trabalho respire, instaurando um espaço de pensamento capaz de alongar-se, inclinar-se e bifurcar-se. Pertinente seria então desmontar a palavra dobrar para tomá-la como uma posição de *obrar*, ou seja, encontrar-se em vias de, colocando a si próprio e a pesquisa em obramento, aqui compreendido enquanto outramento.

Percorre-se uma espécie de tabuleiro para o reconhecimento das peças e das possibilidades de conexão entre elas, não existem regras ou protocolos a serem seguidos, os passos é que dão forma à caminhada, e não o contrário. Na máquina de tear separam-se os fios para logo em seguida poder cruzar, enredar e misturar, numa dança que os dedos executam agilmente, tocando a matéria e sofrendo com os efeitos desta ligação. As cores, texturas e costuras perambulam despreziosamente pelo universo da criação, apostando nos ensaios e simulações, que desviam das simplificações engajadas com os enclausuramentos e formatações. Nada é estanque neste jogo, tudo está em movimento, em processo de desfazimento e reconfiguração, deste modo, veem-se corpos transitórios e efêmeros sobre a base do tabuleiro, tão frágil e vulnerável quanto os seus próprios jogadores, que se constituem numa teia de múltiplas imbricações. Poder-se-ia afirmar que só há relações e que são estas que definem a posição dos nossos retratos no mundo, suas nuances e aberturas, interpelamentos e fugas, a partir de uma dobra que faz uma prega no dentro do fora (DELEUZE, 2005). A dobra produz uma memória ao condensar no lado de dentro um

passado que continuamente se confronta com as forças coextensivas do fora, ao pensar sobre a sua história, o pensamento se liberta para fazê-la de outra maneira. A pesquisa sofre estas duplicações que formam pregas ou pontos nodais, ela avança pelas estações que indicam paradas, transmutações e retomadas, observa-se a máquina forjando ziguezagues no tecido, numa inédita aventura de vai-e-vem. Nos embarques e desembarques do grupo e da pesquisadora o trem torna-se um dispositivo singular de confluência das viagens, dando a ver um cenário sensível que na escrita é construído: as cenas desencontradas compõem hibridismos entre São Salvador e Salvador do Sul, o asfalto e a ferrovia, a construção e o desmanche, as lembranças e as perdas, o antigo e o novo, o progresso e as ruínas, as chegadas e as partidas. As dobras não param de cerzir enquanto que o andar não cessa, saltando entre universidades, regressando à terra natal desnatalizada, fabricando novas paisagens e moradas, insistindo em construir intersecções com a vida, que perece e devém num compasso irregular.

O fora, na radicalidade de sua abertura, engendra uma zona de turbulência capaz de subverter o instituído, subsidiando a experimentação e a improvisação, desde que na companhia de uma ética prudente, atenta para os riscos subjacentes de uma fuga reverter-se em morte e estéril destruição (COSTA, 2006). O contato com o caos reverbera acentuando os forros ou marcando a intenção de desfazê-los, evidenciando as fronteiras entre formar uma memória, reforçando os contornos que protegem a sua existência, ou lançar-se perigosamente em meio ao furacão, perdendo-se nos confins de um buraco negro qualquer. As variações, oscilações e combinações destes pólos é que conectam os planos de um território, ora ocupado, ora abandonado, ora deformado. Para abrir mão de uma prega há que se desdobrá-la, dando ao tecido a plasticidade necessária para que se mova e se costure novamente, isto implica necessariamente alguma interlocução com o fora, com as suas singularidades e velocidades, imersas num campo de batalha. De repente, a linha solta que iria estabelecer outros pontos e traçados muda de direção, ela não consegue levar a cabo tal pretensão e é engolida por um vazio que lhe inviabiliza a ação, a proposição, a constituição de uma envergadura plausível para a vida e o viver. A desterritorialização, embora implicada com a precipitação de uma reterritorialização, perde-se nesta superfície lisa, vasta e abstrata, partiu-se para uma terra inexistente, que não pôde oferecer-se como casa, como passagem, como parada para a viagem. Esta tensão perpassa os movimentos de instaurar uma canção, decompondo-a sem agarrar-se a uma promessa de sucessão ou progressão, simplesmente migrando-se ao acaso, sem definição, assumindo uma responsabilidade perante os afetos que pululam aqui e acolá. Já não bastam mais os roteiros e enquadramentos estabelecidos previamente, pois estes não suportam as destabilizações suscitadas pelo estranho, nômade,

errante e fugaz, que irão exigir uma ética alheia ao universal e transcendental. Os gestos de dobrar e redobrar cruzarão inevitavelmente sobre um precipício, a corda bamba que os conduzirá para lugares desconhecidos é a mesma que poderá derrubá-los, interceptando o curso da transitoriedade. A memória do trem e do próprio trabalho enfrentam as intempéries de embarcar em uma locomotiva que não comunica, prevê e antecipa o desenho do itinerário.

A experiência vê-se na plataforma das estações, ela articula-se com a fabricação de sentidos, com a maquinaria da consistência, que não aspira coerência. É de um rigor outro que se trata, visto que conjuga-se afetos, lugares, tempos e personagens distintos, sem submetê-los a violência de serem um só, sob a égide da constância e uniformidade. Não, a errância, o imprevisível e o indizível também nos acompanham, lançando questões à posição de negação e fechamento do ressentimento. O olhar volta-se para encontrar o que antes não pôde ver: as promessas que foram tecidas nas malhas do grupo, através da sombra sempre presente da academia, que ao criar protocolos para a interação do pesquisador com os sujeitos e com a comunidade, o transforma em uma peça de reprodução das engrenagens vigentes. Desviar-se das promessas na pesquisa da vida: como fazê-lo e como sustentá-lo? De acordo com Silva e Baptista (2014), ao cientista cabe contar a história do mundo, participando desta usinagem, isto significa assumir que não somos neutros, não estamos a passeio invadindo o universo alheio, há um compromisso ético, estético e político colocado nas imediações destas relações. A escuta com a qual nos envolvemos requer um tipo de sensibilidade que está norteadada para a expansão da vida, e não para a consolidação dos grilhões morais, neste sentido, avalia-se cuidadosamente o quanto que as margens ou máscaras constituídas suportam estremecer-se e desencantar-se (ROLNIK, 2006). O cartógrafo identifica neste limiar a potência e o perigo adjacentes ao desvanecimento e a irrupção do novo, sentindo a sua tolerância e a abertura de outrem para a variação, a mudança, a quebra e a rachadura. No limbo entre a nota conhecida e a próxima a ser inventada, a música é acometida pela inevitável suspensão envolvida com a criação, experimenta-se a indefinição de não saber que “haste subterrânea irá fazer efetivamente rizoma, ou fazer devir, fazer população no teu deserto” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 36). Os senhores chegam adiantados para o encontro, caminham pelo espaço tateando as paredes e os seus murais que contam a história da cidade e da ferrovia. Ao se depararem com os antigos amigos, não disfarçam a sua alegria, os burburinhos preenchem a sala, são os causos do presente e do passado. Sem pressa acomodam-se junto às cadeiras, permanecendo por várias semanas imersos num campo narrativo, que em sua porosidade agencia desvios, delineando rotas inéditas para a pesquisa. No ponto de cada travessia o corpo marcado pela promessa desconfia, exigindo-se cautela, previsão e resultado, rendendo-se

pouco a pouco a lógica do inacabado. A continuidade fundada na homogeneidade vê-se ameaçada, registros sonoros, visuais e afetivos misturam-se aos conceitos e autores, deixando a universidade encharcada pela realidade. O esforço para traduzir o desejo em possibilidade aproxima a artesanagem do grupo e do trabalho, que afirmam a existência em sua disparidade.

A rede, para ser tramada, conta com os acasos e trajetos reiterados, ela é, segundo Deligny (2015), obra de alguns artesãos ou de algumas aranhas dedicadas à sustentação da mesma teia. A rede é um fazer que prescinde de projeto pensado, embora possa se constituir a partir dele, incidindo sobre a sua tirania de totalidade, utilidade e precisão. As brechas e recantos permitem a emergência de uma morada provisória, que é traçada na interlocução com o fora que esta produz e desde onde é produzida. Vagando conquista-se o instante, ao abrir mão dos planos lineares que não suportam o movimento e o transbordamento. Deslocamo-nos com uma câmera pela cidade para compor fragmentos de imagens, o roteiro de paradas previamente fixado sofre um deslocamento em detrimento da ação dos atores presentes em cada cenário. Um antigo ferroviário fabricou ferramentas e brinquedos que agora os seus filhos exibem, atestando o valor e importância de tais objetos. A velha carteira que permitia viajar livremente com o trem é desenterrada das pilhas de papel, bem como qualquer vestígio passível de atribuir concretude ao invisível. Na torre do inativo seminário, um padre larga suas obrigações para dar o testemunho do amiúde vilarejo que encontrou quando chegou a São Salvador, após longa e inesquecível viagem pelos trilhos. A mobilização do morador, do colecionador, do vizinho, conhecido ou estrangeiro intervém sobre a marcha em andamento, haveria como não sê-lo se fechássemos olhos e ouvidos para as humanidades que pululam no entorno da tela ou do tripé. O entrelaçamento dos espaços e lugares acontece justamente na fragilidade e efemeridade dos fios de seda que tecem a rede, sem a necessidade de um por que ou para que, visto que todo agir está antes direcionado ao com quem e desde onde, já que estamos de passagem e em coletividade. O relâmpago irrompe com intensidade e desaparece calmamente em meio ao silêncio e a escuridão, por vezes não discernimos a ocasião em que ele deixou de estar e persistir, tornando-se um caractere emaranhado de paradoxos: luzes e sombras, vida e morte, alegrias e sofrimentos, destruição e renascimento.

A teia, ao deparar-se com a força do vento ou da vassoura, surpreende pela sua destreza de ressurgir e reestabelecer-se arbitrariamente numa parede, móvel, janela ou recôndito da natureza. A maleabilidade da rede favorece a sua partida, deixando de existir aqui ela pode brotar noutra lugar. Isto se deve a sua posição de fenômeno inconclusivo e interminável, que exime-a da solução, finalidade ou pronta justificação. Distinta situação é observada se a rede vem a ser sufocada, seja pelo excesso de projeto, pela falta de aranhas ou

pela sua conversão em instituição. Nestes casos, o abrigo do fugidio é colapsado, capturado e inviabilizado, ao passo em que escapa a vida que servia como meio de sustentação para a realização da composição. O desvio anteriormente habitado acende a rota principal, expandindo-se, ou esvazia-se por completo, tomando a forma de um novelo de lã cheio de nós. A tensão que mantinha os feixes em atividade é redirecionada ou interrompida, trazendo à tona o imprescindível questionamento acerca do alcance de um trabalho, sobretudo, de suas tramas e efeitos, impregnados de ritmos, velocidades, estrias, superfícies, poros e retalhos. Para Deleuze e Guattari (2012), “quanto mais a obra se desenvolve, mais os motivos conquistam seu próprio plano, tomam autonomia e não param de enriquecer suas relações internas” (p. 133). Os entraves surgem no momento em que o grupo não consegue se responsabilizar pelo processo, atribuindo à pesquisadora o papel de ficar à espreita na teia, sentindo suas vibrações, pulsações e afetações. Se a aranha permanece solitária em tal função, logo em seguida a rede é desfeita, pela ausência de conexões e imbricações recíprocas, que figuram-se enquanto limitações das cisões e hierarquias estabelecidas no interim da pesquisa. O coletivo, ao passar de um território previamente delimitado à exploração e circunscrição de mapas insuspeitáveis, compromete-se com a travessia do comum, que parte da questão de outrora apenas no intuito de ultrapassá-la e reformulá-la, utilizando-se dela como matéria prima para a invenção. A saber, as fronteiras não são tão nítidas e claras, entretanto, a inconsistência ou incongruência das saídas rumo à independência dos atores junto aos quais se pesquisa, é sutilmente ou duramente perceptível ao corpo que está dependurado na rede. O vago e o acaso encontram-nos na porta que cruzamos depois de dizer adeus, certamente, eles também estavam sentados conosco na roda, já que contribuíram para que chegássemos até ali. Tarefa árdua e irrealizável seria definir onde está o início de um texto ou o final de um encontro, dada a circunstância das cintilações, sutilezas e memórias que retornam, não como retrato da realidade, mas antes como obra a ser transfigurada pela palma da mão do escultor.

Os pés tocam os dormentes alinhavados por quilômetros ininterruptos, a margem que faz divisa com os trilhos é permeada pelas folhas secas do outono, pela umidade do solo, pelos resquícios do sol por entre as árvores, pelo barulho da cidade, da buzina, do cachorro, da água e da respiração de quem caminha. Leva-se na mochila o entusiasmo e a expectativa de avançar até o fim da linha, superando o cansaço e a fome. É aconselhável antes de adentrar as pontes consultar o relógio, para garantir que o seu tic-tac não traga o trem de repente, resultando em um incidente. À sua espera repousa-se sentado, suficientemente afastado e atento para o levantar esbravejante da fumaça esbranquiçada, que vem acompanhada de um apito descompassado. Operários imbuídos da manutenção despontam na curva esverdeada,

estão apressados para em tempo facilitar a grande e esperada chegada. O bode é obrigado a assistir tudo isso em função do homem que o amarrou em um poste a poucos metros do trilho, as vacas, por sua vez, seguem um estranho que conduz o rebanho, ruminando o pasto desocupam a estrada que não imaginam ser compartilhada. Finalmente ele aparece, a máquina lotada de viajantes, as janelas disputadas para apreciar o horizonte e a imponente caldeira trocando lenha por fagulhas. A exaltação aquietar-se lentamente, o acontecimento está consumado, a poeira acomoda-se e nada resta do evento a não ser o seu retorno ao entardecer. A noite cai e um banco de ônibus reconforta o corpo exausto que regressa para casa, ignora-se o frio que está escondido lá fora, sob o manto do sereno e do silêncio povoado pelos grilos.

As intensidades que perfazem o andar desconstroem a ideia de que este se resume a extensão percorrida, ao seu ponto de entrada e de saída, a sua linha finita de condensação espaço-temporal. A imersão desorienta a intenção de prescrição, os objetivos, objetos e imagens são embaralhados, despedaçados e remontados. Importa prosseguir, deslizando pelo entre da jornada, promovendo paradas, sobressaltos e reviradas. O que persiste pode não ser a práxis do trabalho ou da caminhada, e sim os seus efeitos, as pequenas ondulações que se espalham chacoalhando a água. As modulações se presentificam na pele de quem consentiu e ousou estar em contato, em conversação, em vias de conectar ilhas com a sua navegação. Humanos e não humanos juntam-se a nós, troços, rabiscos, rastros, pessoas, grupos, cidades e seus detalhes, avizinham-se livros, fotografias, canetas, calendários, garrafas e poemas, experimenta-se o barulho, a solidão, a palavra, o cheiro, a chuva, o gosto, o riso e o improvisado. Um bloco de afetos e perceptos prolonga-se sobre o tempo vivido, imprimindo-lhe a duração que arrasta o passado como virtualidade suscetível as mais variadas e inusitadas atualizações. Desenrola-se o existir na direção do agir, e não da reação e negação, procura-se não impedir que a vida seja soberana em suas melodias, incompletudes, oposições, fragilidades e fatalidades, e que o homem seja capaz de sentir ao invés de apenas (re)sentir.

O aracniano adentra a fronteira do pesquisar quando o projeto tem disponibilidade para vagar, flutuar, descortinar e desejar, sem apegar-se excessivamente a uma exigência que não qualifique, legitime ou potencialize a rede (DELIGNY, 2015). O universo acadêmico, propondo-se a dialogar com esta metodologia, enfrenta uma série de desafios para alargar-se suficientemente a ponto de fazê-la caber em si. As delimitações e demarcações que precedem a incursão no campo escolhido, restringem propositalmente o mergulho, dando-lhe o formato de jaula e não de nado livre ao lado dos corais e cardumes. Subterfúgios surgirão raramente para interrogar a clausura, ventilando-a com assinaturas menos duras, que convocam as coincidências e os outros para escrever também, assegurando-lhes a possibilidade de ocupar e

tramar a teia que ninguém sabe dizer ao certo se existirá ou não. Os decalques iniciais, quando submetidos à interferência dos acontecimentos, complexificam o campo de pesquisa, abrindo-o para as variações que redimensionam e reconfiguram os cortes e recortes do trabalho. Estes passam a estar orientados não apenas pelas normativas da universidade, porém, sobretudo, pelo desejo coletivo que circula e que profana o jogo estabelecido, lançando a pedrinha para fora dos contornos da amarelinha. Ao sermos algo a mais do que simplesmente pesquisadores solitários, por nos encontrarmos em meio a dez, quinze, vinte ou trinta aranhas, reconhecemos que respondemos pelo instituinte e pelo instituído, ou seja, pelos limites que fixamos e pelas estripulias que armamos contra eles. Ainda assim, sob os termos da rede, sua existência e persistência nos escapa, justamente porque não somos aracnianos de verdade, corremos os riscos sem abandonar a margem que contempla nossas produções, títulos, teses e dissertações. Se pudéssemos esquecer os motivos que animam a exploração daquele quarteirão, quem sabe nos perdêssemos ali, ou perambulássemos rumo a outras regiões da cidade, não comprometendo-se a voltar, afinal, para onde estamos indo ou de onde mesmo que partimos?

A ética do pesquisar: um barco que se lança ao mar a navegar

Retrato de um lamento

Os senhores tomam os pincéis e posicionam-se para pintar uma cena do *seu tempo*. Tempo este em que a parteira era trazida à cavalo por familiares para que suas mãos pudessem dar à luz. Tempo este em que os mais velhos ensinavam a tirar o leite, a fazer a poda, a cortar a lenha e a plantar para o próprio sustento. Tempo em que o rio servia para refrigeração de alimentos e o lampião como única fonte de iluminação. Tempo em que a brincadeira das crianças era colocar sabão nos trilhos para ver o trem desatinar. Tempo em que as roupas eram vendidas em grandes rolos de tecido, exigindo o ato de costurar. Tempos difíceis para alcançar a escola, pondo-se a caminhar por quilômetros ensolarados e chuvosos. Tempos que deixaram as mãos marcadas pela régua dos professores, os dedos calejados da roça, o corpo cansado de tanto lutar. Tempos em que aos domingos assistia-se da plataforma da estação a viagem dos que iam e vinham sem parar. Tempos em que a sabedoria não estava nos livros e sim na experiência de vida. Tempos que começaram a definhar e a desaparecer, morrendo lentamente em cada novo amanhecer. Tempos que persistiram como um vertiginoso lamento.

*

Guyau (2009) afirma que o presente é o tempo legítimo dos afetos e que o passado não esquecido permanece vivo na memória, sendo assim, dever-se-ia exprimir e declarar eu amo no lugar de eu amei. Às vezes, uma vontade de conservação mantém as lembranças ativas, aguardando a oportunidade para a sua triunfal repetição e recolocação no script do mundo. O não que contesta e se opõe à transformação, debate-se com a existência impedida de retroceder e de se afirmar naquilo que ela é e foi. A dor sentida pelo homem ao ver-se incapaz de rolar para trás o pedregulho que corre ladeira abaixo, em direção ao futuro, nem sempre o faz desistir de chamar o longínquo adormecido. Estender a mão ao desconhecido implica conceber o retorno enquanto diferença, dessemelhança e discordância, liberto de toda essência, representação ou identidade. Para Nietzsche e Deleuze, nas palavras de Regina Schöpke (2009), “tudo volta e nada volta realmente” (p. 345), pois só existe o devir e o seu dionisíaco movimento de composição e decomposição, feitura e desfazimento. Embora alguns vestígios e fragmentos continuem a pulsar, em meio a tantos outros que acabaram se apagando e desaparecendo, não haverá como salvá-los da tempestade, onde o acaso ora fabrica ora desertifica a cançãozinha. O ressentido habita o abismo intransponível do querer niilista, que não suporta o sofrimento, a finitude, a incerteza, a ausência de finalidade e a supressão da necessidade, padecendo da pior das enfermidades, de acordo com Giacóia (2017). Ao se deparar com um ritmo disforme, ele vai em busca do que lhe é familiar, e,

portanto, passível de acolhimento, esforçando-se para instaurar um padrão, uma metaestabilidade no mar agitado e revolto. A história do trem que retorna no grupo se remonta a todo instante, descolando-se dos fatos e das versões anteriormente arquitetadas, os senhores verbalizam sua impotência e culpa por não conseguir reverter, frear ou remediar a devastação e o dilaceramento das âncoras que supostamente os prendiam ao porto. As terras firmes da memória, lampejos remanescentes da ferrovia, começam a mostrar zonas escuras e nebulosas, pontos de conflito, ambiguidade e indiscernibilidade. As imagens tremem, surgem fissuras por entre as cores e formas bem delimitadas, os corpos que envelhecem testemunham o andar ininterrupto das horas, demonstrando o quão implacável é o viver, que se esvai sem perceber.

A tentativa de encaixar os segundos em minutos, os dias em semanas, os meses em anos, não assegura a divisão e a generalização assumida pela lógica do relógio ou do calendário. Os ponteiros da razão andam sobre círculos inventados, que lutam avidamente pela imposição e manutenção da ordem, avessa a qualquer interferência do caos indeterminado. As subversões decorrentes do contato com este plano duramente codificado apontam para perspectivas distintas do tempo, forjadas na dobra da linearidade e na proliferação de suas fatias e camadas. O uno cede lugar ao múltiplo, as estações ou fases da lua são reduzidas a palavras por entre as quais escapa um aglomerado de sensações, intuições e relações. Abrir as caixas ou hibridizar as fronteiras significa sensibilizar-se para a experiência do corpo com o dia e a noite, o frio e o calor, a neblina e o chuvisco, o amanhecer e o entardecer, o tornado e a mansidão, a brisa e o furacão. As horas estão fadadas a não serem iguais jamais, pois a vida desobedece às amarras que lhe são outorgadas, denunciando a reatividade e fraqueza do homem que deseja encontrar e apreender o mesmo na repetição. A mesma sexta-feira, o mesmo aniversário, a mesma estrada, o mesmo natal, o mesmo carnaval, a mesma cidade e a mesma viagem que definitivamente não poderão se efetivar, considerando o turbilhão de fenômenos aleatórios que incidem sobre nós e sobre as paisagens que nos cercam. Os retratos mudarão de cor, de ambiente e espectador, conhecerão caixas, armários, a rua ou lugar nenhum, perderão a ligação que os tornava próximos daquela época, daquela família, vizinhança ou comunidade, se envolverão nas malhas do vir a ser, do lance de dados do inesperado. A provisoriedade ameaça por todos os lados a integridade das identidades, enquanto que o ressentimento despende uma energia gigantesca para aplacar o apagamento das marcas que procura incansavelmente salvar. O eterno retorno suscita no homem doente de história uma atitude descabível de congelar o instante, na esperança de que ao vasculhá-lo venha à tona o que lhe falta e lhe intriga, a presumida causa do seu desatino e má digestão.

Propor-se a controlar a roda gigante que gira sem parar, eis o consolo daqueles que agarram-se às árvores esbravejando contra o vento e a decolagem, contra a morte e o imperscrutável.

O disco empoeirado é retirado da estante da sala e posicionado no vinil da casa que animou durante vários anos. A velha música começa a tocar com certa dificuldade, os ruídos desordenados concorrem com a letra clara e sintonizada. As frases que regressam a cada retomada estão mudadas, o ouvinte nostálgico se decepciona ao vislumbrar tamanho afastamento de sua antiga melodia. Paradoxalmente, o mesmo agora é outro, e é assim que a própria vida se repete, sem o compromisso moral de manter as coisas em seu lugar. As andanças que conduziam para lá ou para cá são suspensas pelo esquecimento que inaugura o devir e o agir. A borboleta para afirmar-se enquanto tal precisa abrir mão do seu modo de existência lagarta, caso contrário, não desenvolverá asas para voar, ficando presa aos galhos e raízes da floresta. Ao buscar amparo em casulos e escudos, com vistas a reduzir as ameaças que a diferença impõe, termina-se por anular todo o seu potencial de variação, impedindo a desventura das metamorfoses. Tarefa nem tão simples é abrir-se ao acaso, abandonando as memórias que não participam mais do presente, a não ser através de fotografias, objetos e registros. Para Cristina Rauter (2000), “há todo um aparelho psíquico construído para funcionar reativamente, para produzir estabilidade no instável, para enxergar o já visto no novo” (p. 32). O fardo da história pesa em nossas costas, somando pequenos desvios a um eixo central, que conforma o desigual na orquestração de uníssonos a partir das polifonias de vozes e sons. Fomentar a homogeneização que trava a expansão, esta é a subtração impingida pela operação de consolidar uma única versão ou condição de legitimidade para as humanidades. As narrativas dos senhores revelam um universo de ambiguidade e contradição, resta então perguntar por que se esperaria encontrar complementariedade, harmonia e uniformidade. Por que se acreditaria que eles estavam a falar do mesmo trem, da mesma ferrovia, da mesma cidade e da mesma saudade? Mais estranho seria supor que eles ainda eram os mesmos daquela época, personagens imutáveis a atravessar o tempo, sentados em círculo para simplesmente contar daquilo que viram. Atribuir ao que retorna no grupo o caráter de semelhança e igualdade é confrontar-se com uma postura ressentida do pesquisador, atento apenas ao que confirma as máscaras e não ao que lhes abala e reconfigura. Não poder esquecer não significa promover ou incitar a repetição a qual Deleuze se refere, mas sim revirar e remexer o presente na ânsia de reaver uma continuidade perdida, interrompida e esfacelada em meio às forças disjuntivas e fugidias do caos e do intempestivo.

O acidente trágico de um morador e trabalhador da viação ferroviária reverberou longamente entre a geração que testemunhou o seu desaparecimento. Os trilhos que

habitualmente levavam as pessoas à passeio e as traziam de volta para os entes queridos, naquela tarde assistiram ao silenciar abrupto de um coração esmagado por uma locomotiva. Ao sair pela manhã, ele dissera até logo aos filhos na janela que nunca mais o avistaram regressar. Transitando pelas casas e participando dos encontros coletivos escutei diversas vezes inúmeras versões desta história, identificando lacunas, incongruências e disparidades. As passagens e seus detalhes não encaixavam-se numa cena capaz de agrupar todos os versos, organizando-os como peças sólidas de um quebra-cabeça. As intensidades moviam-se saltando nas palavras e ali efetuando transbordamentos, partículas do indizível, incabível e intraduzível faziam do corpo o seu veículo maior de expressão. O que facilmente seria nomeado de equívoco, tropeço, falha ou erro passou a ser compreendido como a ficção que atribui sentido à experiência, não valendo-se de um estatuto de verdade que é sempre fabricado. A delimitação precisa dos fatos é irrelevante e inclusive inalcançável do ponto de vista das singularidades e da diferença que pulsa nos intervalos das correspondências e equivalências. Nós é que formalizamos aproximações e justaposições com o objetivo de equalizar a realidade, impondo disciplina aos fluxos anárquicos. A ética que atravessa a pesquisa, quando esta assume a posição de “cartografar regiões ainda por vir” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 19), explicita inicialmente que “fomos ajudados, aspirados, multiplicados” (p. 17), e que o pensamento associa-se ao desejo com a pretensão de dilatar-se.

A entrada para a elaboração é sinuosa, na medida em que não pretende-se restaurar, resgatar ou recuperar uma ilha do passado. A contribuição que tem-se a oferecer está antes atrelada a um movimento de porosidade para receber e acolher as mudanças, com toda a alegria e sofrimento que isto implica. O asceta contesta o estado de finitude e incompletude da existência, em detrimento de um mundo idealizado, controlado e acabado. O último trem que partiu da estação avançou destemidamente até esconder-se por detrás das montanhas, ele levava parte da comunidade rumo a sua primeira e derradeira viagem. A memória que lhe ofereceu abrigo posteriormente não permaneceu estagnada, arrastando pelas malhas do tempo os sonhos não realizados. Quais são os desafios enfrentados pelo artista que vê sua obra desmontada? Ele aceita a destruição e recomeça em outro canto? Ou dedica-se ferozmente para manter os destroços inalterados? O território virou deserto, experimenta-se então abandoná-lo? “Amor fati: não querer nada diferente do que é” (SCHÖPKE, 2009, p. 313), assumindo a responsabilidade sem culpa pelas escolhas que porventura se fez ou deixou de fazer. O trem foi embora, sim, e agora? A correnteza impulsiona as lembranças e as puxa de volta, demonstrando através das ondas o abismo que separa ontem e hoje. Não há lugar seguro para retornar, “é preciso estender a mão e andar para criar o futuro” (GUYAU, 2009, p. 215).

O que existe do lado de lá do muro? Na extremidade oposta da linha? Nada que possamos discernir de antemão, uma vez que estamos no entre das coisas, “partimos do meio, pelo meio, entrando e saindo, sem começar nem terminar” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 49). Imaginemos então que a maria fumaça continua a fumar, por onde passa vai descobrindo novas terras, novos modos de ser e habitar, na brevidade do seu apitar nunca deixou de partir e nunca deixou de chegar. O barco está a navegar. O que seria do pesquisar sem o alto mar?

Uma nova inscrição sobre a superfície: a narrativa como travessia

Retrato de um comum

O curtume contava com três trabalhadores, dois irmãos e seu Oscar. O couro passava a noite mergulhado em caldeirões com produtos químicos para curtir e em seguida secar. A água suja saía e corria pelas valas da rua, à céu aberto, sem qualquer encanamento para lhe transportar. O cheiro rapidamente infestava a cidade, invadindo as salas do colégio e das casas. Pela manhã, bem cedinho, pouco a pouco o fluido avançava, durando horas até se esgotar. Os odores, entretanto, se reduziam sem nunca cessar. Utilizando-se de carrinhos de mão, levava-se o couro até a estação, lá ele era pesado junto de sua crosta de sal. As paredes e superfícies que por acaso lhe tocassem vinham a descascar e a se desbotar. Quando o trem deixou de ali estar, o armazém que guardava as mercadorias para os vagões carregar caiu em ruínas, entulhos diversos restaram abaixo do telhado a desabar. Antes de o curtume fechar, um dos irmãos perdeu a mão na lâmina de uma máquina usada para recortar. Impedido de a matéria sentir, segurar, manipular e deslocar, ele simplesmente não conseguiu mais trabalhar.

*

Seria um nunca acabar dizer tudo quanto a mão consegue fazer quando a prolongam e potenciam os instrumentos que o engenho humano foi inventando na sua contradança de precisões e desejos. Na Idade da Máquina, a mão teria, por acaso, perdido as finíssimas articulações com que se casava às saliências e reentrâncias da matéria? O artesanato, por força, recua ou decai, e as mãos manobram nas linhas de montagem à distância dos seus produtos. Pressionam botões, acionam manivelas, ligam e desligam chaves, puxam e empurram alavancas, controlam painéis, cedendo à máquina tarefas que outrora lhes cabiam. A máquina, dócil e por isso violenta, cumpre exata o que lhe mandam fazer; mas, se poupa o músculo do operário, também sabe cobrar exigindo que vele junto a ela sem cessar: se não, decepa dedos distraídos. Foram oito milhões os acidentes de trabalho só no Brasil de 1975 (BOSI, 1977, p. 54-55).

*

O corpo da cidade se empresta a uma nova inscrição, o território antigo depara-se com a transformação: o chão batido aos poucos é substituído, ao passo em que desenham-se as avenidas, calçadas e nascentes moradas; o gado, os porcos e as galinhas são retirados do centro com a chegada dos carros; os pequenos armazéns fecham as portas ou transformam-se em supermercados; a capelinha no alto do morro depara-se com o surgimento de uma igreja imponente em suas proximidades; São Salvador despede-se de seus viajantes, vindo a conhecer tantos outros habitantes. Opera-se uma reescrita sobre este cenário, a qual é

viabilizada pelo apagamento parcial das marcas e impressões precedentes. Os restos espalhados atestam que o velho não deixou de existir, ele simplesmente passou a habitar palavras que o tempo se encarregou de raspar. O passado se oferece como ponto de partida para a obra que virá, neste sentido, há uma estação desde onde se iniciou o caminhar. Os passos que avançam podem também regressar, contudo, sem nunca conseguir reencontrar aquele mesmo lugar. Genette (2006), ao propor uma literatura de segunda mão, leva-nos a pensar na reinvenção dos trajetos anteriormente percorridos, que acabam por subverter a ideia de cópia ou reprodução. Ao assumir a posição de quem age no mundo, imprimindo-lhe alguma assinatura, mergulhamos num fluxo contínuo de esquecimento e dispersão, desencadeado pelo movimento que promove a variação. Se duramos é porque mudamos, sofrendo sobreposições de camadas, peles e superfícies, tal como no caso do livro, do arquivo ou da cidade, o que persiste impedido está de permanecer inalterado, estagnado e finalizado.

O palimpsesto, na perspectiva da pesquisa, é tomado enquanto espaço de decomposição, rearranjo e criação, visto que problematiza e inclusive se utiliza dos traços de uma remota intervenção. Alguns fragmentos, pequenas coleções de ressonâncias e cintilações, são incorporados na produção de novas configurações, sem, contudo, defini-las ou limitá-las. A apropriação, que decorre de uma espécie de roubo e subversão, atravessa zonas de indeterminação, o autor e a obra balançam sobre as ondas que se chocam sem parar, ora suprimindo as linhas, ora fazendo-as escapar, propiciando que se encontrem em outro lugar. O porto parece cada vez mais distante conforme a mão pega a caneta para recomeçar, não obstante, vislumbram-se ilhas para além da imensidão do mar. Embora não tenhamos delimitado um destino para esta viagem, não nos arriscamos a enfrentá-la com uma canoa ou uma jangada, afinal, como suportaríamos a tempestade? O pesquisador se depara com a necessidade de atribuir contornos e limites para os rabiscos que ensaia, colorindo o entre na medida em que amplia as suas possibilidades. O corpo está em obra, pergunta-se então: de qual corpo que se trata? Seria o solo que recebeu e se despiu da ferrovia, dividindo-se entre plantações, indústrias e moradias? Seria a página vazia que se mistura com a página cheia de inquietações, receios e devaneios? Seria quem sabe a pesquisadora saindo de sua terra natal para viver na capital? Ou a pesquisa-intervenção que se desloca agora com a ajuda da ficção?

A (re)inscrição distingue-se da restauração justamente porque integra a dissociação, a heterogeneidade e a transmutação, não detendo-se sobre o similar, equivalente ou idêntico. A repetição que supostamente concederia ao arquivo a chance de manter-se inalterado, estático e indiferenciado, é aquela que promove a desestabilização, desorganizando o presente a partir do momento em que este se abre para o futuro (DERRIDA, 2001). A aniquilação, o

apagamento e a destruição, ao invés de serem tomados sob um ponto de vista moral, capaz de lhes reduzir a um juízo ou a uma noção de bem e mal, dão a ver as estrias que tremem sobre o tecido liso, incitando-o a desdobrar-se para redobrar-se logo em seguida. O ultrapassamento da efemeridade, ensejado a partir de um ideal de conservação da tradição, concorre com as forças revolucionárias que simplesmente escapam dos autoritarismos de ordem impostos ao desejo. A testemunha, impregnada pela promessa do ontem para com o amanhã, luta contra a incompletude e o inacabamento que fazem do antigo um meio de expropriação e atualização. A finitude do concreto dispõe de resquícios que, por não se modificarem, acabam perecendo e assim desaparecendo lentamente, perdendo cores e formas sem afirmar outras que possam alterá-las e substituí-las. Se, de certo modo, ao visibilizar o imperceptível do visível assumimos uma posição de resistência, paradoxalmente, colocamo-nos como entraves da mudança, segurando a vida ali onde ela já deixou de existir. A resposta não encontrada para o passado – por que tiraram o trem, por que reconstruíram a cidade, por que levaram tudo embora exceto a saudade – anima uma esperança de ainda seguir a procurá-lo, negando-se a embarcar na locomotiva que avança sem ficar parada. “Corpo riscado de novo” (COSTA, 2012a, p. 144), polifonia que se insere favorecendo o trânsito e a travessia, seja da memória, da subjetividade ou da pesquisa, o irrefreável e irremediável desmantelamento da narrativa indica o quão vital é deslocar-se. A turbulência agita o índice, a lei, o nome e o critério, o Eu vai sendo esburacado neste exercício de impessoalidade e multiplicidade, que (des)classifica e (des)hierarquiza os sujeitos: “Perdoai. Mas eu preciso ser Outros” (BARROS, 1998, p. 79).

A dimensão ética da memória acompanha a sua entrada na escrita, onde viaja através das páginas metamorfoseando a experiência com o grupo, com o trem, com a cidade e com a própria artesanagem do trabalho. As verdades aqui afirmadas não se eximem de sua inevitável parcialidade, já que apontam na direção de saberes localizados, corporificados e, portanto, impossíveis de serem replicados em distintas e ilimitadas realidades (HARAWAY, 1995). Esta visão que não aspira universalidade, comunica suas contradições, complexidades e imbricações, aproximando-se das implicações que ligam o pesquisador a uma ilha específica no meio do oceano. A ação e a interpretação, o pensamento e a intervenção, integram-se neste processo em que conhecer é também transformar, assumindo a responsabilidade por uma interferência-presença incapaz de ser neutra. As escolhas ou apostas que orientam a navegação não se fecham aos imprevistos e desvios que não raras vezes mudam a direção, ampliando o alcance dos ponteiros da bússola utilizada no projeto da tripulação. No encontro com os antigos moradores de Salvador do Sul, (re)desenham-se a muitas mãos os rumos desta embarcação: coloca-se em discussão a duração da pesquisa, a partir de um desejo coletivo de

permanecer envolvido e reunido, assim como o retorno da mesma em formato de monografia ou artigo, posto que interrogava-se quem leria, buscaria e se interessaria na comunidade por tal produção. A escuta do desassossego agencia manobras e reviravoltas que pintam e emolduram quadros sob ângulos inimaginados, os senhores percorrem o território em busca de histórias e imagens, justapondo o presente ao passado. Há um ímpeto que os leva a prosseguir, descarrilhando o trem dos trilhos para fazê-lo devir. Os fragmentos que constituem a matéria-prima do texto são submetidos a uma espécie de alquimia: a ventania reapresenta os elementos que em forma de relâmpago continuam a alumiar, provocar disparates, convocar o pensar. Experimenta-se uma solidão habitada por vozes agora distantes, misturadas e lapidadas pelo tempo, os traços dos quais me lembro aos poucos se reinventam, descolando-se de sua origem, daquele gesto e endereço que lhes servia de abrigo.

O distanciamento dos atores que compunham a cena que impulsiona esta pesquisa, a desdobrar-se a partir da relação ética, clínica e poética da memória com a ferrovia, engendra problematizações acerca destes outros que deixam de ser ouvidos ao estarem submetidos ao discurso do pesquisador. A posição intelectualizada deste que anuncia e se apropria da vivência de um sujeito, de um movimento ou de uma comunidade, atestando sua relevância e pertinência acadêmica, desacostumado está a perceber as precariedades e limitações de tais atuações. Além ou aquém da sombra do nosso eu, o que mais temos para oferecer-lhes? Poder-se-ia revirar o impossível para surpreendê-lo com os seus lampejos de possíveis? “Mostrar e não representar, tornar visível e não reproduzir” (COSTA, 2012a, p. 12), adentrando ao universo do que um trabalho escolhe ou não dizer, baseado em suas tendências e inclinações, que já não se encontram mais afastadas do cenário onde o conhecimento se formaliza. Spivak (2010) lembra-nos que o fato de simplesmente abordarmos e estudarmos uma minoria, ou um grupo subalterno, não garante que este não seja tomado como objeto a ser silenciado, impedindo assim que qualquer ação contra hegemônica se estabeleça. O apagamento social enfrentado pela velhice não será contestado por uma atitude que apenas o aponte ou venha a confirmá-lo, sem engajar-se com as quebras e rupturas necessárias a constituição de um espaço de enunciação. A colonização do saber constrange e violenta o corpo daquele que é solicitado a assinar sem poder escrever, daquele que é chamado a responder sem o sentido da pergunta compreender, daquele que é instigado a ver o que não consegue ler. As mãos que forçosamente acostumaram-se a segurar a enxada, a cortar a lenha, a levantar a casa, a costurar os trajes, a amassar o pão, a depenar a ave e a esfregar o chão, não se cansam de estranhar a caneta e o papel, antecipando seu despreparo e inabilidade para utilizá-los. O homem que perdeu os dedos no curtume não voltou mais a trabalhar, o que

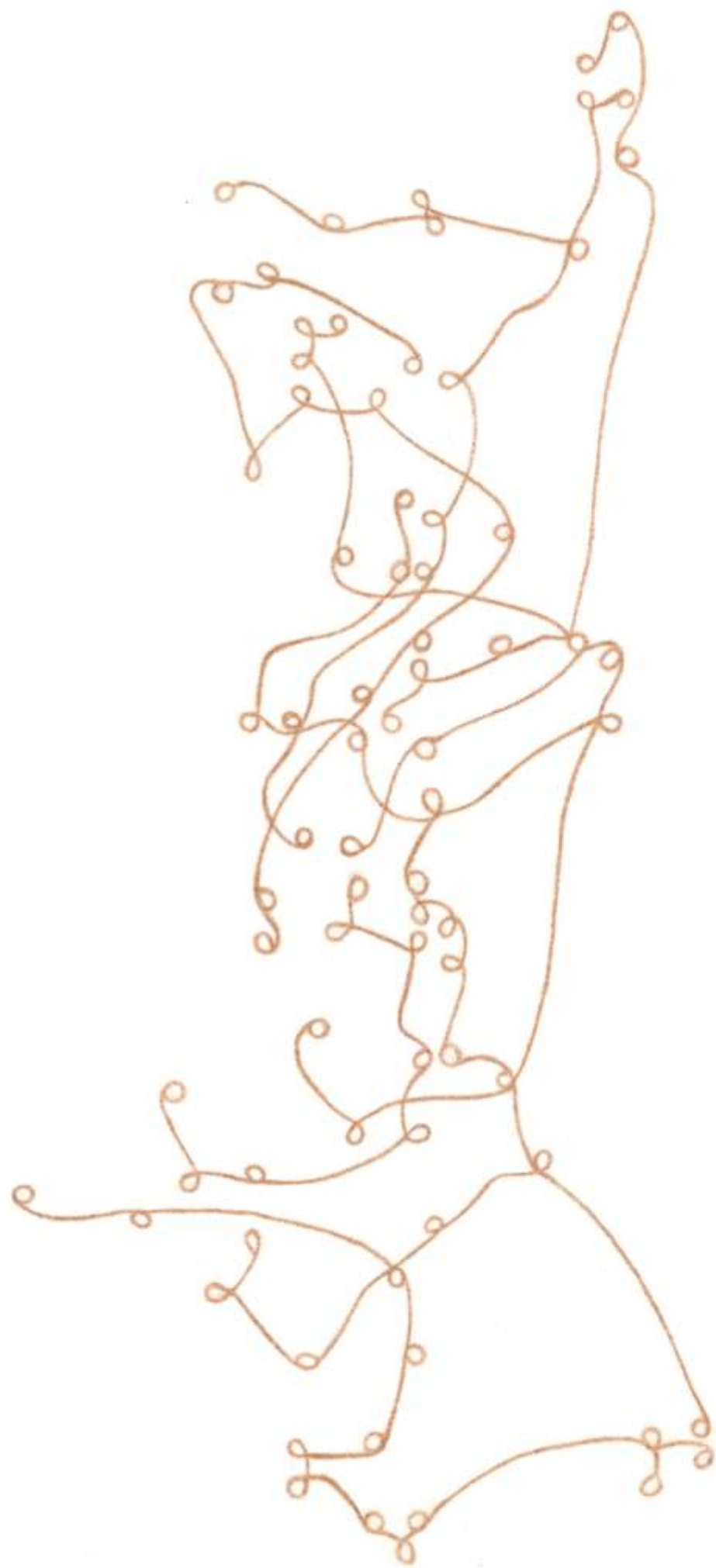
durante uma vida inteira ele aprendeu a fazer estava de agora em diante impossibilitado de realizar, julgando ser tarde para ir à escola na ânsia de a gramática ou a matemática dominar.

O sujeito pesquisado é situado dentro de um enquadramento, suas expressões são ressaltadas pela luz da objetiva, seus gestos fragmentados de acordo com o foco da fotografia, ali, onde ele encontra-se fincado no papel ou na imagem como uma borboleta imóvel, revela sua condição de objeto. Seu direito político de não sê-lo é para nós um desafio constante, por isto buscamos através do “*punctum*” uma abertura no retrato, por meio da qual a vida possa ir e vir sem se petrificar, conferindo aos personagens o movimento de entrar e sair, pousar e voar. O ímpeto de reunir, classificar, interpretar e generalizar é assumido pela sociedade como um modo de funcionamento que supostamente amenizaria e controlaria a insensatez, a desordem, o acaso e o enigma, neste sentido, Barthes (1984) sugere que a fotografia é uma arte pouco segura e aqui acrescentaríamos que a ficção também. Ao convidá-las para ocupar o âmbito da universidade, promove-se uma discussão crítica e sensível o bastante para contemplar a possibilidade de não “desrealizar completamente o mundo humano” (BARTHES, 1984, p. 174), desvencilhando-o de suas incongruências e tempestuosas disparidades. O exercício de duvidar da importância de quem fala, remete-nos ao campo da singularidade, onde já não é daquele(a) senhor(a) que se trata, mas de um ou de uma, definição que abarca todos(as) e nenhum(a) ao mesmo tempo. O comum que os aproxima não os anula ou massifica, as engrenagens da escrita, por mais que confirmem a existência de um nome próprio, não cansam de ultrapassá-lo, desafiná-lo e desatiná-lo com os ecos que entoam e ressoam dos encontros. Os versos não trazem à tona as essências ou identidades, antes as dissonâncias, reentrâncias e contrassensos incorporados pela multiplicidade, que descontinuamente conecta as linhas entre si. O autor, segundo Foucault (2009), não cansa de desaparecer, sendo arremessado para fora pelo texto que sempre transborda as regras do jogo que se joga, a composição aqui em questão não se materializa alheia à participação do leitor.

Os impasses experimentados por aquele que narra um instante esgotado, lembram de certa forma os astrônomos ao delinarem o curso finito, porém, ilimitado das luzes estelares, bem como os artistas que esculpem miniaturas de gelo, plenas em suas poças de efemeridades. A memória, grande oficina deste trabalho, volta-se ao passado que pelo presente foi roubado, deparando-se com os quadros na parede novamente pendurados. O que a correnteza levou se misturou ao mar, o que ela fez retornar já não estava do mesmo jeito e no mesmo lugar. A única interrupção ou obstrução que daqui consegue-se avistar, concerne ao barco que rema contra a maré no intuito de um tesouro encontrar, lá estariam as relíquias do que deixou de existir e daquilo que não se pode mais tocar. A morte é este rastro decisivo do

que esteve sem estar. O trem partiu da estação São Salvador, os moradores durante longos anos puseram-se a esperar, acreditando que mais cedo ou mais tarde ele iria retornar. A pesquisa anterior se ocupou destas terras que contrariados eles viram o tempo modificar, embarcou e desembarcou com o grupo de passageiros, desejando assentar o pé na estrada para continuar: Por onde os trilhos irão me levar? Serão os passos compassos de outra melodia a se ensaiar? O trem da pesquisa é o trem da vida, ele recua apenas para bater o sino e recomeçar.





coagem-se prédios para todos os lados: a Ed. fica escondida através dos muros e dos andares

o hospital tem fila de espera para os acommodados
o asilo para os idosos foi desativado
a antiga oficina foi demolida e resquícios é a mesma família que ainda providencia o conserto dos carros

os restaurantes recebem os fundonômias
e os vendedores de presentes a escola municipal desce a morro e instalou-se na avenida municipal

na casa de cultura as crianças comparecem para teatro e as idosas para a aula de ginástica
figas à noite brinca dentro de casa os quadros e arábicos não permanecem mais

entre a farmácia e o supermercado
um vai e vem constante na Praça, porém um outro a queda que nós à igreja

ao saírem da escola encalça os alunos no ginásio se encontram

A poeira e os vermes: paradoxos entre esquecer e durar

Os livros foram removidos da biblioteca, os móveis retirados da sala, os quadros encaixotados, as roupas recolhidas do armário. O espaço, anteriormente preenchido pela concreta vastidão da presença, tornou-se superfície contornada pelas ausências, a sombra empoeirada de uma existência já findada. Os traços gastos sobre a parede, as marcas rugosas sobre a pele, as cicatrizes da tela e da calçada, a fina camada do tempo a acumular-se num movimento contínuo de transbordamento e desfazimento. O casaco desbotado, a folha rasurada, a xícara arranhada e a prateleira quebrada atestam a passagem de uma vida, o andar cambaleante dos anos a produzir suas lascas, seus intervalos, suas distâncias e contrassensos. O envelope aberto revela que alguém leu a carta cuidadosamente endereçada, sem guardar-se ao cuidado de mantê-la intacta e preservada. As letras encontram-se parcialmente apagadas, tal como a tinta daquele muro, a placa daquela rua, o trilho daquela estrada. O trem, depois de cinquenta anos afastado da cidade, retorna para carregar em seus vagões os antigos moradores desfalecidos nos caixões. O grupo está para sempre silenciado, exceto naquelas fitas onde agora escuto fantasmas, as vozes envolvidas no impasse da corporeidade descorporificada. A memória aos poucos vai borrando e duplicando as imagens, perdendo o foco, a pose e os personagens, restam então apenas os detalhes, uma sutil e delicada permanência do vazio, do informe, do atemporal, do visível que resiste à própria invisibilidade. O passado é ligeiramente varrido para fora do palco, reaparecendo somente no caso de um engano, de um tropeço, desvio ou devaneio, como as árvores pintadas nos retratos de São Salvador e Salvador do Sul, as quais acompanham esta transição de uma paisagem à outra justamente porque esqueceram-se de arrancá-las. Nas margens da avenida, em meio ao calçamento de pedras basálticas, persistem os quadrados irregulares que expõem o chão e a sua contrastante fertilidade. A castanheira, situada entre madeiras e tijolos derrubados, sobreviveu à chegada das construções modernas e remodeladas; o pé de pera continuou solitário após o sumiço da família e do seu galpão de trabalho; o tronco no pátio da escola, escalado pela juventude para assistir a correria na estação, resistiu às reformas e aconchegou outros alunos em seus galhos.

Leônia de Italo Calvino (1990) preza pela eliminação do antigo e seus vestígios em detrimento do desempacotamento e desfrute das novidades. Nada que fora utilizado ontem será reaproveitado, a população desconhece esta possibilidade e causa-lhe profundo descontentamento deparar-se com objetos usados e deteriorados. Molduras e paisagens lisas refletem um tempo sem dor, sem lutas, perdas ou lutos, a morte supostamente esquivou-se depois que minimizaram-se os sinais da finitude e os efeitos do próprio envelhecimento. Não demonstra-se grande apreço por registros ou recordações, visto que estes prejudicam a

assimilação de novas informações. Habita-se o agora que logo em seguida servirá de depósito para o depois. Circula-se através de “espaços em que é difícil deixar rastros” (BENJAMIN, 1996, p. 118), onde nada se fixa, se estabelece ou se mantém. O tempo se acelera no intuito de não se mover, ao modo dos ratos engaiolados que correm sobre rodas imutáveis ou dos habitantes de Leônia que com suor e afinco impedem os dias de sair do lugar. Com vistas a conservar, um grande esforço deve-se empenhar, posto que para parar é imprescindível agir, no sentido de (re)produzir, como um pai que compra um coelho para a filha a cada mês sem dizê-la que o anterior morrera. Operação de repetição que evita a diferença e se assemelha à ação de preservação do passado, ainda que lhe seja oposta, pois ao descartar e ao reter ambas negam a degradação como criação: cultuam o mesmo e repelem o vir a ser que se pronuncia.

O engendramento inesgotável do atual cobra seu preço ao impulsionar o crescimento vertiginoso do lixo que ocupa as regiões limítrofes da cidade, ali a vida apresenta-se nua em sua precariedade. Em meio aos detritos, existem corpos que perambulam, afinal, embora os habitantes custem a acreditar, a história simplesmente não termina depois que veem o lixeiro suas sacolas ajuntar. A alguns quilômetros de distância, pilhas e pilhas se formam sem cessar, os camundongos andam apressados para se alimentar, crianças e adultos sobem e descem na ânsia de um artefato valioso resgatar. Neste caso, não se trata simplesmente de uma descoberta ou escolha pautada pelas condições do mercado, posto que os catadores reinventam os materiais dos quais se apropriam, atribuindo-lhes distintas perspectivas, usos e sentidos. Os itens selecionados participam da composição de verdadeiras colchas de retalhos: uma boneca para a decoração da sala, um tecido que se empreste como agasalho, uma garrafa a ser reciclada, um sapato em bom estado prestes a retornar para a estrada. Não há regras para flertar com o acaso, experimentando proliferar as relações destes elementos rejeitados e propositalmente descartados por outrem. O acúmulo elaborado subverte a lógica capitalista, ao amontoar os restos de desconhecidos e colecionar os seus objetos destituídos de desejo e fetiche, sem satisfazer aos imperativos de desistência e destruição propalados pelo consumo. Consumir é queimar, logo, armazenar é sabotar a produção na era da multiplicação. A busca pela constante renovação e reafirmação do mesmo opõe-se à variação, que ora habita a degradação, o desgaste e a dissolução, ora faz deles matéria-prima para sua interminável transformação, alicerçada no instante que finda e recomeça, sem propósito de rerepresentação.

Pelas ruas da capital, próximo ao meio fio, avisto um senhor lixando a fachada de sua moradia assolada pelo tempo, sem pressa e com resignação ele almeja espantar as lacunas, testemunhas do acúmulo das horas, dias e semanas, preparando-se para dar uma segunda demão. As roupas que veste estão manchadas pelos lugares que visitou, pelas pessoas que

tocou, pelas narrativas com as quais se contaminou. Não importa muito que venham a ser consideradas como antiquadas, a matéria supostamente ultrapassada é a sua forma de resistir e de combater o imperativo do novo forjado pelo consumo desenfreado. Acompanhando lado a lado o grupo pela cidade, rapidamente vejo-me convocada pelo seu passo desencontrado, sua marcha desorganizada, o seu corpo desconcertantemente desacelerado, andando no asfalto em meio à buzina dos carros. Ali, junto ao atalho que leva da rodovia para a avenida, um suspiro cansado e aliviado se impõe, uma espécie de parada em meio ao fluxo conturbado que a urbanidade engendra e propaga. Há uma impossibilidade de sincronia, ajuste e adaptação, o velho sucumbe e ao fazê-lo se opõe aos ditames do capitalismo encravados naquele chão. Os resíduos não digeridos, as sobras que viram ruínas, por vezes são escondidas, arrancadas e levadas para longe daqueles que incansavelmente as procuram com o olhar, imaginando o seu paradeiro e a sua reconstituição. Na contramão da renúncia e da substituição, observa-se o zelo e a preocupação em redesenhar e repor cada livro daquela estante deserta, cada abrigo, vizinho e conhecido daquela Salvador do Sul incerta. O relógio, fabricado para ser pendurado em frente a casa e ao alcance dos passageiros do trem, durante quarenta anos permaneceu estragado, com os ponteiros paralisados apontando na mesma direção. Recentemente, quando o seu conserto foi providenciado, todos pensaram que voltariam ao ponto exato em que ele parou, no entanto, após dar uma volta completa, o presente não retrocedeu e uma vez mais se modificou, atestando que o retorno é sempre um caminho ou um lugar diferente do que já foi.

Vinte anos mais tarde desço novamente a escada que durante a minha infância de baixo para cima e de cima para baixo me transportava, mil vezes num único verão, como uma espécie de ensaio dos modos incontáveis de avançar, concluir e recomeçar, a descer ou a subir. Os degraus, embora tenham sobrevivido ao constante ir e vir, sofreram certa raspagem, não somente pelos pés dos que por ali transitavam, mas, sobretudo, pelos numerosos invernos chuvosos, pelas bagagens, caixas, vasos e bacias junto a eles descarregados, pelos chinelos e calçados amontoados, pelas plantas e folhas nas beiradas dependurados. As flores ainda brotam na primavera, os galhos das árvores continuam a oferecer sombra ao topo da escada, que agora raramente vê-se ocupada, o ritmo diminuiu, a correria sumiu, o silêncio adentrou o portão e o pátio invadiu. Ninguém planejou intervir destruindo ou descaracterizando o espaço, entretanto, este não conseguiu atravessar as gerações sem carregar os efeitos de suas impressões e ações, sem reter os sinais dos eventos e das situações, sem exibir rastros do antes no agora e do agora no depois. Ao largar o corrimão e finalmente alcançar a calçada, enxergo o vulto nebuloso da criança que fui e que não sou mais, mas que vive em mim através das lembranças e das recordações, com todas as suas fragilidades e possibilidades de recriações. A

morte é como a água do rio que segue em frente sem a opção de regressar, é, segundo Mia Couto (2003), como o umbigo que atesta a irreversibilidade de um cordão, de um processo e de uma ligação abruptamente interrompidos. O que persiste são as pequenas marcas que cada viajante coleciona e carrega, seja em sua barriga, em seus bolsos, em sua mochila ou em suas memórias agora distantes e esquecidas. Os assentos outrora preenchidos esvaziam-se na medida em que os itinerários se extinguem, em estações e regiões distintas os passageiros abandonam a máquina em movimento e são gentilmente recebidos lá fora no abraço do vento.

Ao anoitecer em São Salvador, a comunidade providenciava o carregamento das encomendas trazidas pelo trem e o despacho das mercadorias que em seguida o mesmo entregaria. Adultos e crianças adentravam o armazém para ver através das portas abertas dos vagões as cargas e as notícias endereçadas a cidade, tal encontro no fim do dia proporcionava um misto de expectativa e euforia. Cenário as avessas observou-se quando o compartimento especial precisou ser utilizado para transportar o corpo de um morador fatalmente acidentado. Ouvia-se apenas o choro agonizante sobre a plataforma entre aqueles que faziam a recepção e o reconhecimento do morto, retirando-o da locomotiva e levando-o até o caixão. No vilarejo em questão, o ferreiro e o coveiro eram únicos em seus afazeres, e não existia mão-de-obra nem matéria-prima suficientes à antecipação, deste modo, a porta que servia para tirar as medidas também acomodava o falecido durante o tempo necessário à fabricação do seu João. Os pertences posteriormente enviados aos parentes pairavam agora numa zona escura de indefinição, o pente contendo alguns cabelos finos remanescentes, o chapéu levemente amassado e com a aba ensanguentada, a mala de viagem revirada e um atestado médico descrevendo o ocorrido e justificando o óbito do indivíduo. Como afirma Neruda (2010), seus velhos sapatos estarão descalços para sempre, seus sonhos noturnos, suas comidas, suas doenças, queixas e reticências haverão de apodrecer feito ameixa que cai verde ao lado do pé.

No interior de uma cabine envidraçada repousa a máquina de escrever de Clarice Lispector, apartada dos papéis, das palavras e das mãos, ela obedece aos princípios da conservação, negando o fluxo que culminaria na sua deterioração. Sob o risco de que se perdesse da obra e biografia da autora, reservam-lhe uma identidade e endereço imutáveis, responsáveis pelo afastamento das intenções de tocá-la, manuseá-la e inseri-la numa trama desconhecida de articulações. Móveis e aparelhos antigos que caíram em desuso encontram-se agora amontoados na estação, acumulam-se décadas ultrapassadas neste depósito fechado para visitação. O espaço, sem agente nem trem, recebeu pequenas ruínas de quem imaginava constituir ali um museu, reabrindo a bilheteria e as janelas para dar início à viagem de contemplação e consagração das relíquias catalogadas. Desnorteando este sonho, surgem as

massas de entulhos assimétricos e indiferenciados, que dividem o breu com a central telefônica do seminário. O trabalho de organização e manutenção torna-se irrealizável frente às coleções intermináveis e ao despejo de elementos cotidianos indesejados, que ao reunirem-se incrementam o questionamento acerca do seu descarte e de sua utilidade. No prédio em frente, aberto e revitalizado, coletivos embarcaram e continuaram a redefinir suas imagens, ocupando e simultaneamente abandonando a remota garagem da viação ferroviária. Trata-se de um tensionamento irreconciliável entre a matéria que define pouco a pouco, persistente na tentativa de eternizar-se, e aquela que é submetida às imundices do mundo, sem a pretensão de manter-se a salvo da destruição, durando, portanto, através de repetidas reterritorializações.

Os urubus, cobertos por seu manto negro, repousam no ponto mais alto dos prédios, de onde aguardam o próximo suspiro de despedida se pronunciar. Ao avistarem uma presa em potencial, não hesitam em abrir as asas e decolar, debruçando-se na carne fresca que antes de engolir haverão de destrinchar. As carcaças em decomposição são secretadas, absorvidas e expelidas por este grande estômago que não apresenta indigestão frente aos cheiros e as texturas peculiares de sua refeição. Aos homens dificilmente ocorre tamanha reconciliação com a dimensão trágica e dionisíaca da vida, as vestes do luto tornam-se cada vez mais raras e o fim vai sendo afastado e destinado à ilha do inanimado. O barco encarregado do traslado retorna povoado por excrementos e fantasmas, a água que banha as margens do cemitério em alto mar também circula em terra firme, abastecendo o cotidiano devagar. Resquícios e rumores atravessam as fronteiras meticulosamente delimitadas, os carniceiros sobrevoam e rastejam em meio ao caos organizado, estabelecendo paradeiro nos depósitos enquanto não se resolvem os moribundos adoentados. Há sempre uma embarcação de prontidão, caso um imprevisto venha assombrar a multidão, colocando-a frente a frente com os olhos abertos, porém, sem nenhuma visão. Lá se vai mais um desacordado de suas memórias e apartado de suas histórias, as quais inevitavelmente perduram nos gestos e nos ecos que ressoam devido à linha de corte da morte. Os que ficam são tomados de assalto pela desorientação provocada pela perda das imagens amadas, inclusive a de si próprio, ameaçada pelo futuro incontornável e irremediável que lhe está reservado. Nas palavras de Didi-Huberman (1998), “diante da tumba, eu mesmo tombo, caio na angústia” (p. 38), questionar-se-ia então a saída facilmente reconhecida pela via da negação, que retira da transitoriedade toda a possibilidade de fruição.

Nas proximidades do túmulo e do lixão recomeçam diariamente os trabalhos de reciclagem e transmutação, os fluidos percorrem o solo encharcando-o com os odores da putrefação, os vermes famintos constroem labirintos para visitar os cadáveres e abandoná-los após a dissecação, as embalagens de plástico e os recipientes de vidro pouco a pouco são

desocupados e destinados a uma nova função. A degradação impulsiona movimentos de criação que conduzem a vida em direção à experimentação de um ainda não, costuram-se as tiras assimétricas do tempo e sobre elas são tecidos os bordados que incessantemente avançam, trançando e destrançando os fios que titubeantes e impetuosamente dançam. Tal rodopio por vezes causa vertigem, assim como a volta no carrossel empreendida pela criança que desconhece o que lhe espera na outra ponta, no próximo giro, no galope por vir para o qual se encaminha, dizendo sim sem temer à aventura do descaminho. Benjamin (1997) narra o episódio do infante sobre o tablado, rodeado por animais mecânicos, chamando atenção para a incerteza que acomete as suas margens, impedidas de se repetirem e de serem reconhecidas sob uma mesma perspectiva ou no mesmo lugar. O eterno retorno das coisas as diferencia, por mais que o juízo intente afirmar a paralisia, venerando um passado que não admite ser violado, pois lhe é outorgado acabamento, cristalização e precisão, em detrimento da abertura para a sua imprevisível e interminável atualização. O trem atravessou as terras da cidade por muitos anos, entretanto, jamais prometeu regressar, e quando o fez, era sempre outro a andar nos trilhos, sem tristeza ou pesar, seguindo em frente para não deixar a caldeira e a máquina se apagar. A dimensão ética da memória envolve a aceitação disto que é visto e vivido sem a pretensão, necessidade ou condição de ser revisto ou revivido, mantendo-se pujante a flama ao passo em que sem culpa ou ressentimento pode-se esquecer, e continuar a agir e reescrever.

Frente aos excessos que capturam o olhar que se depara com a morte e com o morrer, há que se forjar algumas frestas capazes de dar vasão aos traços e fiapos que no cotidiano continuam a produzir volume, ritmo e intensidade, carregando a finitude da existência de encontro com a sua potencialidade. A presença delicada, desenhada pela poeira e pela fumaça nos ambientes ligeiramente despídos de sua mobília ou demoradamente lapidados em ruínas, testemunha uma cisão que devolve visibilidade ao que outrora encontrava-se demasiadamente cheio, ordenado e naturalizado. Para Parmiggiani (2013), “o gesto de tirar é o de fazer. Não acrescentar, mas dispersar” (p. 103), e vislumbrar o vento com um sopro derrubar, estremecer, anoitecer e descortinar impressões e sensações escaváveis nas sombras e inimagináveis se distantes deste suspiro longínquo e indomável. Ao remover o manto que cobria as paredes e acender a chama que lhe arrebatava com uma impiedosa fogueira, desorienta-se a cena em sua forma costumeira, impregnando-a de nudez, obscuridade, tragédia e negatividade, embora nas ranhuras já se esgueire o inusitado: os batimentos ainda não pulsados, os fermentos ainda não lacerados. Na paleta deste ensaio intitulado o naufrágio da biblioteca queimada, o tempo não é apreendido por sua prevista e retilínea passagem, e sim por seu gotejamento agonizante e condensamento desvairado, que encarna-se na fisicalidade de um sopro interrompido e de

uma ausência reiterada: o apodrecimento da carne e as cinzas de seu tritramento asseveram a companhia de um corpo inanimado, tal como as esculturas erguidas em torno das ossadas em Pompéia, ou as grandes feras empalhadas apresentadas por Chris Marker em *La Jeteé* (1962).

A experiência do desmoronamento incita a tomada de posição, não existe a chance de sair ileso sem nenhum arranhão, o resquício impõe um compromisso através de sua solicitação, quer assegurar espaço de permanência e duração. O álbum de fotografias, os objetos e as quinquilharias são destituídos dos autoritarismos e preciosismos de sua história para virar obra, verso ou canção, deste modo proporcionam ao autor embarcar e desembarcar em desconhecida estação, rumar na direção do porto e deslocar-se solitário ou junto da tripulação. O choro que soluça e tranca é, de repente, o canto que se lança, arranha a garganta e ganha o salão fúnebre arrebatando os convivas em Granada. Carpir não é apenas sucumbir, é lançar-se e abrir-se no frio do deserto. A cor da noite banha de luz a escuridão na tela que faz do luto lua em Turner e Van Gogh. O gesto lavra o rosto do retrato e o dilacera para investir os contornos de intensidades em Francis Bacon. O estalar seco do gatilho da arma que não dispara nas mãos da arte política sempre suicida de Tania Bruguera. A efemeridade do concreto, presente na poça d'água que se desintegra ou nos pingos que sobre as folhas escorregam, atesta a implosão das linhas constituídas, tal qual o movimento da chuva ao cair, que arremessa e propaga a sua matéria desmantelada. Diante da respiração sufocante, dos galhos que fenecem, das plantas que não mais florescem e das sementes que param de germinar, como não pensar na destruição que nos acomete e que nos põem a salvo da estagnação? Diante do trilhos assentados ao longo do tempo um após o outro, submetidos ao caminho conhecido dia após dia, como não imaginá-los saindo do eixo para se redesenhar? Como não desejar arrancá-los e posicioná-los para o outro lado, fazendo uma curva ou um atalho? Neste caso, descarrilhar o trem já não é questão de equívoco, e sim de abertura às incontáveis oportunidades que no fora daquele contorno aguardam adormecidas e silenciosas.

Ouve-se o grunhido da porta indecisa que mantém-se entreaberta, um filete de luz invade sem convite a escuridão do recinto, as lembranças amontoadas em gavetas e cabides permanecem intocáveis, uma voz sugere passar a chave para impedir o acesso neste aposento. O passado retido lá dentro espalha partículas de mofo que colorem as divisórias e o forro, quando a entrada já não está mais liberada, notam-se ruídos indiscerníveis nos arredores, como se as cadeiras arrastassem contra o chão, ou alguém dedilhasse nas cordas do violão. Ao interromper o fluxo que escoava de um lado ao outro do corredor, não eliminam-se as teias e as cinzas junto às roupas e aos calçados de quem pisou e se deixou ferir pelo compartimento. As portas ausentes, assim como os frascos vazios ou as estações inexistentes, não garantem a

dissolução do lamento e a afirmação do esquecimento, visto que malas e passageiros podem continuar à espera da viagem reiteradamente adiada, apesar do bilhete de embarque vencido. A tentativa irrealizável de manutenção da promessa e de reencontro com o antigo inalterado favorece o descortinamento das fissuras, rasgos e estrias espalhados pela superfície de um território, incansavelmente redesenhado e redescoberto em suas sobreposições de camadas. A encosta que abrigava lenha e dormentes sofreu erosão, recebendo em seguida novas mudas para plantação, o cipreste em torno do qual circulavam os fregueses do armazém mergulhou no abismo dos edifícios, os objetos gastos encaixotados pararam nas mãos de comerciantes e os respectivos cômodos foram alugados. O percurso que supostamente conduziria de volta para casa revela o seu esfacelamento, requerendo suspensão e afastamento para ser transposto.

O eterno reencontro das despedidas: o testemunho das árvores

Ao passo em que a estrada de ferro desapareceu, Salvador do Sul viu-se diante de um solo que não pereceu, desdobrando-se em calçadão, em ruelas de paralelepípedos, edificações e trechos asfaltados que se sobrepuseram ao itinerário das locomotivas e dos vagões. O ruído do apito, antecipando o despertar e o adeus de cada dia, emaranhou-se no badalar dos sinos da igreja, pontuais em sincronizar tais rotinas. Os pregos arrancados e os dormentes estragados misturaram-se nas fundações do ginásio, assim como as casas desmanchadas dos ferroviários. Sobre o capim cidró plantado às margens do leito ocupado pela maria fumaça, pela máquina à diesel e pelo trem minuano, ergueu-se a grande construção imponente e singela, que desvela em seu feitio ângulos retos misturados às curvas tímidas: o concreto armado sustenta as telhas de zinco justapostas e as estruturas de metal, que se espalham desde a cobertura até as goleiras e o portão principal. A pompa e circunstância das sonoridades da estação foram substituídas pelo barulho irritante dos juízes durante os jogos travados na quadra em frente, além dos gritos das crianças e da correria em cima das arquibancadas, que por vezes escondem casais de namorados a encontrar-se longe da praça central. A antiga plataforma despediu-se das malas de viagem e recebeu mochilas com cadernos e lápis, trocando passageiros por infantes e classes: os olhares seguem vidrados no relógio aguardando ansiosamente por um sinal, que antes anunciava a hora do embarque e agora a aventura da aula em seu instante final. A linha da avenida, estabelecida em paralelo com o traçado dos trilhos, deslocou-se na medida em que esta relação modificou-se, expandindo seus feixes e raízes. As quadras foram povoadas por estabelecimentos comerciais com fachadas transparentes e letreiros reluzentes, inauguraram-se prédios para moradia e retiraram-se do centro os animais, no intuito de dar mobilidade e visibilidade para a pequena e nascente urbanidade. A verticalização da cidade, atrelada a sua reestruturação estética, econômica e política, levou por terra as propriedades mais antigas, no ritmo de sua venda e desocupação. Em uma esquina bem localizada e visada pela especulação imobiliária, durante sessenta anos viveu um senhor junto de alguns parentes, que despediram-se antes dele do pretendido ambiente. Escondido no labirinto do seu quintal, resguardava-se de atender a campainha e o telefone, pois cansara-se de ouvir aos interessados em comprar o imóvel que nem sequer estava vazio. Para que lhe removessem, primeiro deveriam esperar que morresse, somente desta forma dispor-se-ia a abandonar aquele teto, aquela varanda com duas cadeiras, o perfume das roseiras, as lamparinas apagadas, a bengala torta herdada do avô. “Quanta teimosia” resmungava o inquieto corretor obstinado em levantar o chão deitado, para conformá-lo às proporções e oportunidades das alturas, estimadas pela vista e pela segurança

supostamente conquistadas. Na ânsia de crescer rápido, as obras se projetam como torres ou foguetes, que pretendem paulatinamente eliminar os vãos rebaixados e as zonas subutilizadas.

Nas imediações do trevo que conduz à rodovia, a sucessão das casas é desobedecida pelo terreno da figueira, que está cercado e trancado por um cadeado para impedir o trânsito desavisado. Os pássaros, desobedientes a estas imposições, continuaram a pousar e fabricar seus ninhos, bem como as aranhas a desfiar suas teias e as chuvas a impulsionar o crescimento da vegetação. Em outros tempos, a parada para o almoço dos trabalhadores da ferrovia aquecia a região, proporcionando aos moradores maior convívio com a viação e o seu batalhão. O prefeito da localidade loteara as terras na redondeza e decidira não se desfazer da área em questão, imaginando envelhecer na sombra daquela árvore e vislumbrando no horizonte a máquina movida a carvão. Seu adoecimento precoce impossibilitou que sentisse novamente a brisa no rosto e o sereno sobre os cabelos, despedindo-se na véspera da partida derradeira do trem. Os herdeiros não permitiram que mais ninguém usufruísse do espaço, aprisionando-o a um passado não reconciliado, guardado por meio de correntes e chaves. No lado oposto da rua, um empresário estabeleceu uma mansão de vitrines espelhadas contornada por um muro que acaba no vazio, sem continuação, e que não desempenha a sua usual função, curiosamente é utilizado aberto para fins de decoração, não compartilhando, portanto, da mesma preocupação com o fechamento e o controle de invasão. “Um casarão pede um paredão defronte”, devem ter matutado os seus donos quando da construção. Embora as grades de ferro tenham se proliferado e preenchido diversas divisas e sacadas, o seu uso não deixou de ser arbitrário, pois os portões e portas acham-se escancarados e as garagens vazias de bicicletas ou carros, que seguem na rua, contrariando o contorno delimitado. As empresas de vigilância desfilam à noite solitárias, respondendo a demanda de medo crescente sentenciada pelos noticiários, retornam sem registros exceto pela lâmpada do poste queimada.

Há algumas quadras da figueira tornada monumento, um eucalipto restou solitário após o desmatamento empregado para o fornecimento de lenha, em linha canjerana a árvore que atribuiu nome ao distrito sumiu em função do seu aproveitamento irrestrito. No transcorrer da construção do túnel e abertura da passagem para colocação das barras de ferro e travessas de madeira, especulava-se mão de obra e negociava-se a derrubada da mata nativa que abasteceria a maria fumaça desde o início de seu funcionamento. A subsistência e aquisição de patrimônio por parte de algumas famílias deu-se devido a esta fonte de renda, caracterizada pelo corte do tronco, preparação e carregamento. O território do centro, objeto de disputas ambientais, arquitetônicas e mercadológicas, desenrolou-se contemporaneamente num desfiladeiro de lojas, aprisionando em projetos futuros qualquer vestígio desta memória

arbórea ainda presente. O apagamento das inscrições precedentes, cabíveis em São Salvador, intensifica-se mediante a privatização e homogeneização de suas idiossincrasias e singularidades, assentadas sobre uma zona rural que é afastada e que ao retornar se diferencia. Os porcos, os galos e os cavalos sumiram da avenida, a partir das imposições da vigilância sanitária, desde então, acontece de habitarem clandestinamente o fundo do pátio, onde não raras vezes são avistados e responsabilizados pela desordem e discórdia entre a população. A vaca presa nas proximidades dos trilhos fornecia leite diariamente para a comunidade, que repartia os tarros de acordo com a necessidade, substituindo a prática de ordenhamento apenas quando da transição dos armazéns em supermercados, amontoados de prateleiras e produtos industrializados. Propunha-se que as galinhas saíssem do âmbito doméstico e fossem introduzidas nas fábricas, preocupadas com a eficiência e a exportação em larga escala: a disseminação do município e o seu crescimento econômico chegam através de sua atividade primária, sobretudo, a avicultura, que lhe legou o mérito de maior produtor de ovos do estado.

A confecção de roupas e calçados sob medida, bem como seus consertos e reparos, perderam-se de vista com o surgimento das mercadorias em série, passíveis de descarte em prol de sucessivos incrementos e aprimoramentos. O tecido e o couro, manipulados a mão ou com a ajuda das máquinas de costura, acenderam a um nível de sofisticação e massificação que terminaram por dispensar o alfaiate e o sapateiro de seus ofícios obsoletos. A criação de gansos, destinada à elaboração de cobertores e travesseiros, desapareceu lentamente devido ao uso crescente de materiais sintéticos, desenvolvidos e fornecidos pela indústria têxtil. Cores e estampas cuidadosamente escolhidas para as colchas e os lençóis, pregas cerzidas uma a uma, elásticos e bordados ajustados nas peças incompatíveis com a sua reprodução, pois montadas a partir da combinação entre o cesto de retalhos e os restos de fio enlaçados nos carretéis de seu artesão. Plissados do tempo entregues como uma espécie de herança às futuras gerações, que desprezam o acúmulo de rastros sobre suas vestes e seus colchões, aderindo ao consumo de indumentários padronizados, alheios ao conjunto de percepções e afetações provenientes de uma certa historicidade. O curtume esvaziou-se a ponto de precisar demitir os funcionários, considerando o declínio nas encomendas de chinelos, botas e sandálias, além das dificuldades intransponíveis para arcar com os custos do frete rodoviário, único meio de transportar cargas do interior para a cidade, e vice-versa, após o egresso do trem. Os investimentos voltaram-se para o uso de polímeros com a instalação da mega embalagens, responsável por moldar a molecularidade desta matéria conforme os gostos do mercado: requinte, versatilidade e resistência no envasamento e apresentação dos alimentos, suplementos, artigos de limpeza e higiene, proporcionados pela mais alta tecnologia mecânica. No ritmo em que os afazeres

rudimentares desvalorizam-se e desmantelaram-se, seus protagonistas envelhecidos tomaram as ruas sem rumo em busca de algum sentido, girando em torno de uma época desconstituída, que lhes relegou uma posição à margem na era da velocidade, da produtividade e jovialidade.

A antiga vila de pescadores em Garopaba, adequando-se para transformar-se num centro turístico, lançou ao mar as sutilezas do seu cotidiano desabitado: o movimento solitário dos urubus anunciando a chegada dos barcos, o barulho das ondas invadindo a areia e ecoando pelos quatro cantos, o toque rotineiro e abrupto do vento atravessando as frestas da madeira desnivelada, as vozes conhecidas aglomeradas pelas esquinas ou dentro dos bares. A revitalização dos casebres e galpões, desapropriados pelos hotéis e pousadas, afugentou as camadas de tinta usadas, as fotografias de outrora espalhadas, as ossadas de baleia guardadas, as armações de metal enferrujadas, as janelas entreabertas e as cômodas descascadas. Em meio aos viajantes despreocupados que percorrem dia e noite este cenário rebuscado, chamam atenção os cidadãos grisalhos que não acompanham a marcha ordinária. Eles estão escorados num poste de luz, ou sentados junto à calçada, observando o ritmo uniforme que no território se propaga, causando-lhes a sensação de desorientação, despropósito e exclusão. Apenas antes do nascer do sol e depois deste ir-se embora, acarretando na dispersão da multidão, é que aproximam-se titubeantes da praia, contemplando a maré que sobe e desce, apequena-se e engrandece nos intervalos em que silencia e reaparece. Talvez desconfiem da irreversibilidade envolvida com as reviravoltas da água e as rachaduras permanentes descobertas naquele chão, varrido e reconstruído no compasso de suas desterritorializações, que decretam, segundo Guattari (1992), uma posição de nomadismo selvagem. A terra natal, cooptada pelo capital e por ele protegida contra a película empoeirada do tempo, não será reencontrada e tampouco revisitada com o olhar, que diante do irreconhecível avassalador e indomável adere ao vagar. As pedras de São Salvador que mantiveram-se de pé são atualmente alvos do turismo em vias de consolidação, partícipes, portanto, de um projeto que prevê valorizar locais desertificados desde a perspectiva da geração de renda e obter incremento do público e dos fluxos correntes.

*

Retrato de uma nova instalação

Os funcionários da prefeitura atravessam o túnel como se fossem vagões, vem e vão várias vezes num único dia, apitando para sinalizar a sua correria. Transportam terra e adubo para o plantio das mudas nos canteiros, preocupados também com as placas e os letreiros. A iluminação dos postes é insuficiente, então providenciaram lâmpadas mais potentes que afastam a escuridão e facilitam a qualquer hora a circulação. Uma calçada coberta e um estacionamento já existem em projeto e orçamento, com vistas a impedir a formação do

lamaceiro e proporcionar maior conforto e segurança durante o passeio. Os morcegos e os moradores que ocupavam a região retiraram-se espantados desde o surgimento abrupto da aglomeração: trabalhadores e turistas vieram para habitar a sombra úmida daqueles vãos, outrora testemunhas do ruído manso da água escorrendo pelo paredão, ou do trem patinando sobre os trilhos onde as crianças punham sabão. A procura do que estão os que desembarcam numa manhã de domingo em meio à cerração? Marcham adensando a multidão e regressam para a sua lotação a imaginar a próxima fotografia, no próximo destino ancestral da condução.

*

As linhas de fuga agenciadas pelos senhores em Salvador do Sul, num espaço comum, oferecem pistas para a re-singularização da paisagem urbana e de seus trajetos previamente determinados. A montagem de componentes heterogêneos e fragmentados, sem a docilização do sincronismo ou do nivelamento, visibiliza a complexidade inerente à cidade, sua polifonia e ambiguidade, seus embates e disparidades, sustentados entre os processos de subjetivação e a economia de mercado. O corpo vagaroso e hesitante do velho mostra sua potência disruptiva ao romper com a superfície cerzida em torno do desejo de produção e consumo, frente ao qual escancara as rugas e as pausas de uma temporalidade e de uma mobilidade desprezadas, que suspendem a ebulição e o frenesi propagados pelo tecido urbano. Rapidamente surgem as iniciativas para contê-lo, seja encaminhando-o ao confinamento das instituições asilares, onde se vê majoritariamente entre pares, ou lançando-o dentro de tramas reconfiguradas para a terceira idade: das aulas de ginástica no parque às oficinas de artesanato e informática, até os pacotes de passeio e programas de viagem, não faltam opções para conservá-lo distante da inércia e da ausência de lucratividade. A promessa dissolvida de manutenção das formas constituídas leva a rasurar o desenho sobre a mesa, num gesto contínuo de inacabamento, capaz de dar vasão à variação e a apreensão do passado enquanto criação. Conforme avança para alcançar o paradeiro de suas memórias, o grupo introduz no papel um novo traço, um novo estilhaço, inscrito sob o encadeamento de seus passos, incapazes de localizar os antigos retratos, contudo, potentes em hibridizar e pluralizar os que se querem recentes e atuais, ou meramente funcionais. As estruturas que evitam e negam a degradação coabitam com aquelas que presenciam uma série de ocupações e desocupações, invariavelmente atreladas a diferentes configurações. A remanescente morada do escrivão expulsou as caixas entulhadas de recordações, abrindo outra vez por motivo de uma inauguração: a primeira biblioteca pública em vias de consolidação. Estantes, mesas e cadeiras preencheram corredores, salas e quartos, promovendo a chegada dos livros e dos estudantes dispersos pelo pátio, afastado das perturbações da rua por intermédio de galhos altos e da passarela na entrada em formato de

ponte. A escadaria de mármore branco finalmente desvelava a maçaneta e o acesso ao mundo literário assentado sobre aquele assoalho, abrigo para todas as idades durante dias e horas incalculáveis e inapreensíveis por suas intensidades, deformações e dobraduras intermináveis.

Cortinas, azulejos e quadros, que ninguém deteve-se a trocar, emprestaram-se tanto aos leitores assíduos quanto aos frequentadores do improvisado cartório domiciliar, ao qual decretou-se perecer na escuridão, posto que desalojaram-se as obras e espantaram-se os atores que colocavam-nas em circulação, concedendo ao contexto a experiência da duração. O seminário, edificação portentosa situada no alto do morro e interligada a um conjunto de alas retangulares periféricas por corredores longos e simétricos, encerrou as atividades na estação, com a partida dos últimos alunos, professores e colaboradores formalizando a sua desativação. Nas décadas seguintes, a cabana, a capela, a horta, o campo e a quadra de futebol, o anfiteatro, o refeitório, os banheiros, os dormitórios coletivos e as dependências equipadas com giz e quadro negro, foram aproveitadas e usufruídas principalmente pelos moradores, numa perspectiva de autogestão e descentramento das hierarquias impostas até então. A porta possibilitava a entrada e o acesso às escadas, invadidas pelas sonoridades destoantes: o sopro das flautas, o alarido das partidas, o abalo das performances, as acrobacias dos cozinheiros e bailarinos, os festejos dos estudantes e amigos, o atrito dos pés passeantes. O comprometimento deste ambiente com a arte, a cultura, o esporte e a educação findou no ato de sua ocupação pela iniciativa privada, que sem demora impediu qualquer uso, inclusive para visitação, por parte da população. Os jesuítas que com o fechamento do colégio negaram-se a regressar para a terra natal nos estados vizinhos e a dissolver o vínculo para residir em outro local, não puderam interferir a ponto de impedir a venda que os expulsou antes, não obstante, tão perto do final de suas vidas.  s pressas prepararam as malas e afastaram-se do lago ladeado pelas ac cias que plantaram, descendo as curvas da encosta com a certeza de não tornar a ver aquilo que convencionaram chamar de lar. O c modo onde reuniam-se com frequência para redigir as correspondências, instigadas pelos adoecimentos e mortes consumados ou à espreita, caiu numa opacidade desmedida, desvelada e intransponível, assegurada pelo isolamento de quase toda abertura ao fora. A torre repousa agora junto à neblina que não se dissipa, as escadas, entregues às sombras, já não conduzem a nenhum destino, os bancos e coxias do auditório revelam-se cheios e, ao mesmo tempo, vazios, no s t o e no porão largaram-se os escombros que por ora ninguém tocou e extinguiu.

*

Retrato da ciranda do tempo

Quando entrei pela primeira vez, os seminaristas não avistei, exceto nas fotografias emolduradas e datadas do século passado. Os padres aposentados, espalhados pela serralheria, floricultura e padaria desativados, observando à distância o movimento dos ônibus escolares. No cuidado do jardim e dos registros manuscritos eles pretendiam perseverar, assistir aos jogos e aos espetáculos que traziam público para cantar, dançar e dramatizar. A velhice se aproximou mansamente, durante a brincadeira das crianças no recreio, conforme punham a roda do tempo para girar. Este pedaço de chão foi interditado para circulação, um guarda de plantão repete que não há liberação para pisar, não há autorização para existir ali, o vai e vem cessou com a paralisação. O trem não estava mais à disposição para levar os que desembarcou na véspera da inauguração da construção, erguida com os tijolos descarregados na estação e transportados para cima de caminhão. Os recém-chegados subiram a montanha a pé e de lá saíam somente adoentados ou se solicitados, até o dia em que descobriram-se desabrigados. A última vez em que os vi e que pude passear no gramado onde cresci, todos se despediam dali.

*

Os vitrais acima do marco da porta principal, inacessível em detrimento do avanço progressivo do matagal, arremessam suas cores e formas no lado de dentro a partir do contato com as partículas de luminosidade que incidem na horizontal. A madeira, com emendas, pregos e lascas expostas, é percorrida pelos vultos cambaleantes, que crescem e desaparecem repentinamente, tal como a sombra dos galhos na fachada ou as fagulhas da caldeira na maria fumaça. As janelas escancaradas não impedem a entrada da tempestade e do vento que levanta as pilhas de papel amassado, pisoteado e rasgado, sem remetente ou destinatário, entregues ao desgaste que não se quer descarte. O fogão sem brasa, as vestimentas sem dono, os sapatos sem par, os ganchos sem lampião, o lampião sem querosene, a mesa sem cadeira, a fechadura sem chave, o cimento sem pintura, a fresta sem sussurro, a noite sem insônia, a manhã sem sonho para despertar. As rodas sem carroça, as bicicletas amontoadas sem a chance de andar, a coleção aumenta e os rádios seguem sem tocar, os relógios sem contar, as ferramentas sem consertar e os lustres sem iluminar, os discos sem volume, os televisores sem imagem, o compartimento com o mínimo de movimento para as antiguidades não violar. Os bueiros curvilíneos esculpidos no trajeto da ferrovia, soterrados pelos troncos derrubados e queimados com o fim da roça e do cultivo, concedem escoamento subterrâneo às vertentes do rio, ágil em delinear desvios. O concreto desordenado e desobediente reinventa-se através de suas lacunas e acidentes, os sinais e as cicatrizes nas superfícies coabitam com os desmanches e deslizos, o imprevisível e o extraordinário adentram sem convite as fronteiras do presente indeterminado.

o escultor vive preso à especulação da fortuna que dele se apropriada no futuro



a figura vive preso ao passado que para não ser extravado foi monumentalizado

Por uma ética do carrossel que sempre vem

O arquivo intocado da pesquisa é revisitado num golpe que lhe desestabiliza, folheio as páginas e ouço as gravações que atestam o desmoronamento das cenas e o desaparecimento dos seus personagens, enlaçados pelo destino improrrogável da cidade e da vida em sua fugacidade. Morte, destruição e esquecimento compõem esta jornada de múltiplas transições e acontecimentos, arregimentados por uma ética da memória que se afirma sempre provisória, inconclusa e delirante, ou ainda, periclitante, por habitar a fenda entre a ação e a dissolução. O retorno do passado, provocado pelas imagens que de algum modo ferem o pensamento, não se impõe senão pela radicalidade de sua dessemelhança e produção de dissonância e alteridade. Inevitavelmente e paradoxalmente, a viagem de carrossel que iniciou neste exato momento se encarregará de fazer sombra e borrar o registro dos giros anteriores, na medida em que a eles se somar esburacando a paisagem e embaralhando o tempo cronológico. Os trilhos que impulsionam São Salvador em direção a Salvador do Sul, são aqueles que também subvertem a própria noção de linearidade, visibilizando um caminho de volta impreciso e esburacado. Os antigos moradores, entusiasmados em distender o espaço no intuito de aproximar e legitimar diferentes fluxos e camadas, vem a ser como a chuva que molha e desaparece, persistindo somente por suas frágeis e vulneráveis pegadas. Os intervalos irregulares entre as saídas e as chegadas, os distanciamentos e as encruzilhadas, disparam linhas desencontradas, as quais recomecem, mas nunca se acabam, posto que o novo mistura-se ao velho de maneira densa e incessante (BENJAMIN, 1997). Conforme a escrita prossegue, mais estremece o solo que lhe antecede, descola-se num esforço de decolar, emaranhada que está ao que se foi e ao que virá.

*

Retrato de um amanhã sem promessas

Pelo para-brisa do carro avisto o zigue-zague que sinaliza a proximidade da cidade. As placas indicam perigo e solicitam reduzir a velocidade. O vale concentra as nuvens que de tão pesadas não puderam subir, o olhar se lança além do precipício sem cair. A contemplação desacelera a marcha e leva o corpo a se distrair, os que têm pressa não param para assistir. O pórtico de entrada é o mesmo, porém, com outra estrada, interpelada pelas obras intercaladas. Quando uma acaba, despontam mais duas ao seu lado, e assim não se cansam os vizinhos de tantos gramados e telhados renovados. Os lugares, eu os reconheço deformados, contrariando uma fisionomia para mim consolidada. Noto que me perco ao tentar localizar aquele detalhe ofuscado, despercebido a ponto de ser enterrado. Salvador do Sul sobrevêm como um pássaro que bate as asas desesperado, lutando para sobreviver sem as paredes e preces do seu passado.

*

As sucessivas fissuras no território geográfico interferem sobre os retratos existenciais constituídos, à mercê de determinadas tramas de relações que os pluralizam ou planificam, como no caso do capitalismo. O que faz-se viver e ao que decreta-se morrer nas modelizações das urbanidades contemporâneas? Estará o velho fadado a usufruir de sua longevidade num contexto que não abarca a sua singularidade? O encontro que lhe outorga a palavra ressoará pelos quatro cantos da comunidade? Quem desejará ouvi-lo e sem atribuir juízos colocar-se-á a caminhar conjuntamente pelo desconhecido? Ao passo em que a intervenção anterior a esta dissertação finda sem encerrar, prolonga-se como uma inquietação insistente, desafiadora em sua pretensão de narrar e operar uma travessia em meio à avenida. As margens estão vazias e, tal como as páginas em branco que se iniciam, implicam na deriva de habitar uma zona intervalar, por onde a obra é capaz de escorregar. O palimpsesto, enquanto memória de uma superfície habitada, percorre o corpo e a estrada, a composição dos mapas e da palavra, incansavelmente borrada e redobrada. Não apenas ressoam temporalidades desencontradas, mas a própria operação intensiva de pôr-se a cerzi-las engendra o inacabamento e a persistência, o aparecimento de uma constelação provisória de fragmentos e efemérides articulados em mosaico. O transbordamento de um plano ou tracejado, como o sonho ou delírio de Roland Barthes (2004) com a Itália, impele ao trânsito descompromissado perante as datas, os dados e os fatos, partícipes de uma montagem poeticamente esburacada, que traz à tona as paixões fugidias aos enquadramentos e definições. Os versos e as imagens se interpelam mais do que se somam, pois não pretendem corresponder, descrever ou totalizar o universo do qual se propõem a falar, antes intentam abrir os poros para permiti-lo assim advir.

Aos efeitos dos encontros concede-se uma vibração, um relevo e entonação, as pausas e acelerações deflagram o exercício do pensamento e das mãos, que demoram-se num ensaio de elaboração e transmutação. Os hibridismos entre São Salvador e Salvador do Sul, apoiados na experiência remota de pertencimento à cidade e escuta de seus antigos moradores, ocorrem também entre Salvador do Sul e Porto Alegre, na medida em que há um afastamento da primeira e uma imersão no cotidiano da outra. Anoiteceu, o barulho e o balanço do bairro se aglomeraram no campo de futebol, ao lado da estreita plantação de milho verde. Bicicletas e caminhantes regressam sem pressa, ocupando o centro da rua não asfaltada e espalhando seu riso e burburinho contagiante. A iluminação é fraca, no entanto, suficiente, por considerar-se irrelevante averiguar a face dos vultos passeantes, reconhecidos por suas vozes penetrantes. As casas estão envolvidas na penumbra e no silêncio que qualquer ruído constrange: o atrito dos pratos, o apito da chaleira, o arrastar das cadeiras, o grunhido da torneira. Na varanda acomoda-se a plateia que atentamente deslumbra a partida e a circulação corriqueira,

preferindo grades a muros pelos vãos que facilmente trazem as notícias e pesares. Na capital, aviões e automóveis atravessam a madrugada ininterruptamente, os canhões de luz dispensam a suavidade da lua por propagarem com mais força e intensidade o seu clarão. O metrô libera-se da aglomeração e transporta poucos passageiros em seus assentos, submetendo-os ao estridente deslanchar da máquina sobre os dormentes de concreto enrijecidos. Sinaleiras, restaurantes, viadutos e hospitais reúnem elementos incongruentes de uma vida noturna que para muitos não tem começo nem fim, posto que simplesmente a engrandecem ao amanhecer.

Os vagões da memória perdem-se e, simultaneamente, multiplicam-se sem perceber, no compasso dos meses e das horas que estruturam estes dois anos. Conforme me movo pelas estações, não deixo de arrastar o tempo comigo, enredando-o em horizontes ainda não vistos. Os compartimentos, inicialmente amontoados de bagagens, vagorosamente se esvaziam, seja pelo sobe e desce costumeiro ou pelo abandono e extravio a que são reduzidos. Ao sair de um e embarcar no próximo, visitado anteriormente ou não, habitualmente é de uma surpresa que se trata, similar àquela experimentada pelos senhores no desmante de São Salvador, ou por mim, ao vê-los perecer e ao testemunhar Salvador do Sul uma vez mais se distender. O texto, impossibilitado de reproduzir suas nuances e de reaperceber as andanças que lhe dão suporte para existir, tropeça e ajunta os restos que perduram enquanto devir. O estremecimento de um pontilhado não acarreta no desaparecimento do quadro em questão, indefinidamente adiado em sua finalização pela impossibilidade de estagnação. Os mapas, os retratos e a dissertação estão entregues à dilaceração da manutenção e cristalização de um único ângulo ou direção, passíveis dos autoritarismos e moralismos que prezam pela eternidade e generalização. Nas malhas da ficção, autorizamos-nos a recontar e recriar a história por suas afetações, seus lapsos e divagações. A experiência pregressa é destituída do fardo que exige transparência, coerência e resolução, segue aberta e tanto mais suscetível aos acasos quanto menos lhe conservarem os juízos das explicações. A pé com um lampião em mãos caminho sem antever os passos que virão, noto que a chama diminui e torna a aumentar, chacoalha e é varrida pelo vento sem se apagar, perdendo a força num instante para reacender noutro lugar, noutra parte a se inventar.

*

No vagaroso e derradeiro anoitecer, o sol se mescla com as cores do horizonte antes de desaparecer, dispersando a sua luminosidade em feixes extensos e irregulares, marcados pela proliferação de tons escuros e claros, imprecisamente acoplados. O céu é manchado em seu manto azul homogêneo, borrado pelos raios que desvelam labirintos insuspeitos, desfeitos num piscar de olhos desatento, numa curva em ritmo lento, que em sua saída traz a escuridão impiedosa e improrrogável. O declínio é trágico e ao mesmo tempo inevitável, enchem-se os

pulmões que tornam a se esvaziar e a se esvaír um pouco mais a cada vez, sem consciência que possa detê-los a ponto de impedir o ar de sair, conservando-o para que não venha-se a morrer logo ali. Haveria como descarrilhar o fim anunciado no princípio potencializando a vida e não colocando-a sob uma espera derrotada por sua vontade cansada? Recolhem-se ao fundo da estufa àqueles que definham por saberem-se mortais, ou por não avistarem jamais o retorno do idêntico ainda evocado. Os senhores, a partir da pesquisa, reconstroem as raízes que conduzem ao depósito da ferrovia agora reformado, reúnem os destroços espalhados que vão tardiamente embarcados, após o fechamento das portas por onde o trem circulava. O grupo se utiliza dos assentos dos vagões não só para sentar-se, porém, no intuito de fazer nova viagem: ao narrarem, modificam-se as paisagens, ouve-se o sussurrar inconstante de uma cidade à beira do esgotamento com o embarque e a partida de seus últimos moradores. A respiração acelerada que se acentua nas proximidades, é pertinente às configurações urbanas emergentes, que arrastam e prolongam São Salvador apenas enquanto rastro e virtualidade. A experiência concreta do trabalho é também de perdas e de tropeços que assaltam a caminhada, nem tudo é esquecido simplesmente por estar desaparecido, trata-se então de submetê-la à variação, aqui pensada no âmbito da composição, arrebatando as amarras da identidade e do reconhecimento, que aprisionam a memória em uma moral deveras distante do acontecimento.

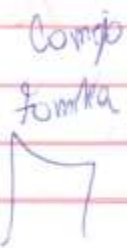
As listas com os respectivos nomes e telefones enfileirados desprendem-se do seu endereço do passado, assumindo uma posição de abertura desmedida ao acaso: as folhas de um caderno, ao serem arrancadas, avançam sem propósito e sem destino determinado, espalhando-se pela rua e extrapolando os cômodos da casa. As palavras e as construções, ao desmoronarem e reaparecerem em inéditas modulações, deixam ver aos rebanhos que pastam sobre os “anfiteatros cobertos de plantações, de onde ainda emergem estátuas e colunas” (BENJAMIN, 2009, p. 139). Abandonados estarão estes pilares de sustentação, pertinentes a um tempo entregue à loucura e ao desejo de uma nova geração, que para com ele não tem e não terá idolatria ou compaixão: assim o quer Zaratustra, que nos detenhamos a tracejar pontes para a ultrapassagem das fronteiras habitadas, com vistas ao desvelamento de direções impensadas, pois nunca antes percorridas ou imaginadas. Os senhores perderam-se da sua cidade, a pesquisadora também, instaurou-se então uma fenda para produzir a diferença em cada uma destas páginas: neste momento, já não estamos mais em São Salvador nem mesmo em Salvador do Sul, vagamos fora dos limites e das imagens narradas, seguimos ao modo de um trem desgovernado, que oscila em sua velocidade, pois movido pelas fagulhas de intensidades. O trilho está pela metade, aguarda pelo corpo que hesita e que retoma para dar-

lhe continuidade, contudo, só é capaz de fazê-lo quando a vida chega e o acompanha nesta viagem: a ética que afirmamos pauta-se pela expansão e pela criação em sua provisoriedade.

Zedlitz



Mapa



3 trunks

Targos

teñido
Vest

Forma

Grupo Escolar
A. H. Z.
Osterada

Legaria

Imov. V. de
Antonio
Zelens cor. de

Vol. de
Cultura

Parque

Assou

Margareta

Legaria

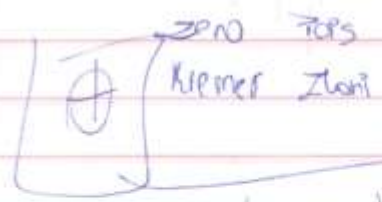
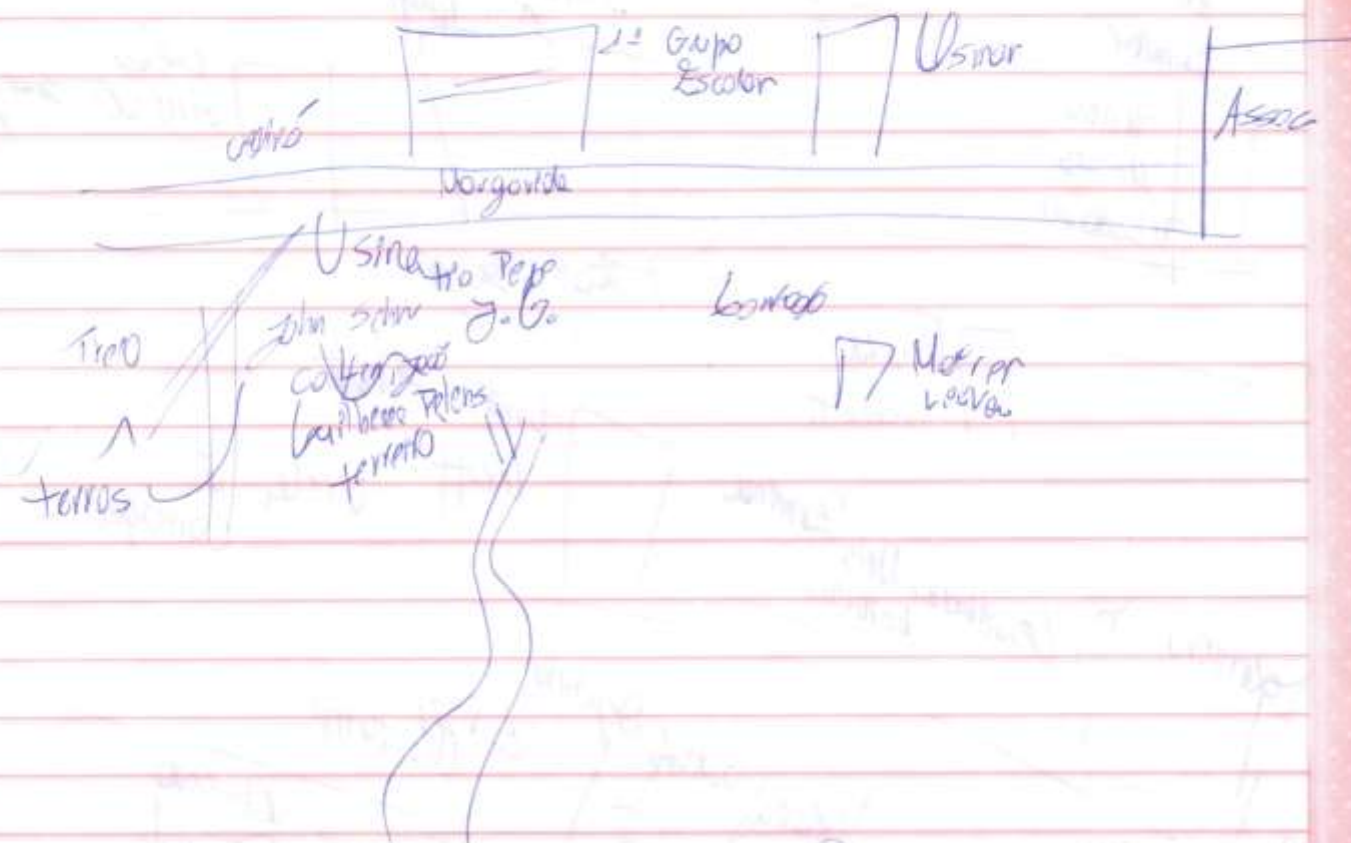


figura // áreas antigas
Cultrone

20/2000

Aneta
6/25/00



Subida 2

Lu' nabo / fo / Ido Otika H.

Subida 54 Hospital
OSTQSS



Ferraria
Verde
1º Centro
Lapiano

Codeira
Obsman
adso

Wolbua
Banco
Flower

2º nabo
+ date

Fronteira
Angela
Jrôna
ajudao
arquivo

Lu' nabo
Lermes

2º nabo
de volta
Desfoco nabo
Bregada

Mével
Kater
Tapi Buo

2º nabo
foxi

Hospital
Mével
7º nabo
1º Preço
solão Bork
Larissio

Marte Ubia
Domingos

Wolbua
Mansim

Crôta
2º nabo
Wolbua

Curtime
2000
atên

dooral

Adão
Marta 2º

1ª
Cooperativa
esquina
outro lado

Cemitério

Siendo
Soprano
Jose
Liberant

Jos
Gaspain

Rene
Waller

Fabi
Felix
Lugo
Zor
Zotel

Alfo
Zerms
dentado

Wobler
Hanso

Lo Rodria
Helo Ferner

Judith
Waller

Cemiterio
Fidor
dentado

Adriano
Kismann
Venus -

Alfiro
Kulsen

K.R.
2000

Fudi
Lertin
João de
Nilo
C.R. de

Alfiro
Zitel
Nico

Wilho

Alfiro No
Zus
Schmitt
Alfiro
Vampiro
Lotes

Calinda
Funder
Conjuro

Lu
Fomto

Figura

Zuore - Jardim golinteiro

Retrato do bonde ao vento: por uma estética do esquecimento

Quando o trem saiu de circulação, a comunidade se perguntava se poderia ficar com o sino que a rede ferroviária colocara na estação, para fazê-lo tocar ainda que sem o antigo propósito de anunciar a locomotiva em sua aproximação. Do Rio de Janeiro chegou uma correspondência que negava tal solicitação, instruindo os moradores a retirar e devolver o sino em tempo de lhe endereçarem a um novo destino. O engate permaneceu vazio, recebendo ao longo dos anos camadas de tinta e verniz, caso alguém decidisse prestar-lhe atenção ou até mesmo atribuir-lhe outra função. Em Porto Alegre, avisto pelas ruas um bonde dependurado com o seu respectivo pedaço de trilho, amontoaram-no com prateleiras e louças de porcelana que conseguiriam ser usadas, se houvesse escada e a passagem não estivesse fechada. Do lado de fora, sobre o telhado e junto às janelas do bonde estacionado, proliferam-se as armações de ferro em formatos vários: são lamparinas, camas, mesas e cadeiras enferrujadas, entregues ao uso do vento e da chuva acumulada. Fluxos interrompidos? Farrapos inventariados? Através da narrativa, nós nos propomos simplesmente a reutilizá-los, não para que se encarregassem do passado, mas sim para que tratassem de abandoná-lo em nome de uma vida e obra por vir.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. A potência do pensamento. *Revista do Departamento de Psicologia, UFF*, vol. 18, n° 01, p. 11-28, 2006.
- BAPTISTA, Luis A.; SILVA, Rodrigo L. Primavera urbana: a ilha deserta interroga as multidões. *Revista Psicologia e Sociedade*, vol. 26, p. 25-35, 2014.
- BAPTISTA, Luis A. O cientista e o pastor entre bétulas e amoladores de facas: genocídios da diferença. In: CRP/RS (Org.). *Entre garantias de direitos e práticas libertárias*. Porto Alegre: Conselho Regional de Psicologia, 2013, p. 59-66.
- BARROS, Laura P. de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, Sulina, 2009, p. 53-75.
- BARROS, Manoel de. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, Roland. Malogramos sempre ao falar do que amamos. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 370-382.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. 5ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COSTA, Cristiano B. da. *Corpo em obra: palimpsestos, arquitetônicas*. Porto Alegre: UFRGS, 2012a, Tese (Doutorado).
- COSTA, Luciano B. da. *Ritornelos, takes e tralalás* (escrever com Deleuze, Guattari e alguns outros compositores). In: VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, ANPED SUL, Itajaí, 2008.
- COSTA, Luciano B. da. *O ritornelo de Deleuze-Guattari e as três éticas possíveis*. In: II Seminário Nacional de Filosofia e Educação, Santa Maria, 2006.

COSTA, Luis A. *Desnaturar desmundos: a imagem e a tecnologia para além do exílio humano*. Porto Alegre: UFRGS, 2012b, Tese (Doutorado).

COSTA, Luis A.; FONSECA, Tania M. G. O personagem conceitual e a poética ficcional: uma estratégia de escrita no empirismo transcendental. In: LEMOS, Flávia C. S.; GALINDO, Dolores; BICALHO, Pedro P. G. de; OLIVEIRA, Flávio V. de; SANTOS, Igor do C.; SANTOS, Arthur; ELMESCANY, Érica de N. M.; ALMEIDA, Mário T. B. (Org.). *Criações transversais com Gilles Deleuze: artes, saberes e política*. Curitiba: CRV, 2016, p 191-213.

COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1993, p. 11-16.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, volume 1. 2ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, volume 4. 2ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A montagem Mnemosyne: quadros, foguetes, detalhes, intervalos. In: DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 383-422.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Cascas. *Revista Serrote*, nº 13, p. 99-133, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. 6ª edição. São Paulo: Editora 34, 2009.

FONSECA, Tania M. G.; COSTA, Luis A.; MOEHLECKE, Vilene; NEVES, José M. O delírio como método: a poética desmedida das singularidades. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, ano 10, nº 01, p. 169-189, 2010.

FOUCAULT, Michel. O que é um Autor? In: FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema. Ditos e Escritos III*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 264-298.

GAGNEBIN, Jeanne M. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. Necessidade, liberdade e repetição: sobre a potência do paradoxo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, vol. 46, n° 1, p. 89-104, 2012.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: UNISINOS, 2001.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. In: *Semana Nietzsche e a Psicologia*, IENH, 2017.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUZMÁN, Patricio. *Nostalgia da Luz*. 2010.

GUZMÁN, Patricio. *O Botão de Pérola*. 2015.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2ª edição. São Paulo: Centauro, 2006.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, São Paulo, n° 5, p. 07-41, 1995.

LOBO, Lilia F. Pragmática e subjetivação por uma ética impiedosa do acontecimento. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, vol. 9, n° 2, p. 195-205, 2004.

MARKER, Chris. *La Jeteé*. 1962.

NERUDA, Pablo. *Residência na Terra I*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, n° 10, p. 07-28, 1993.

PARMIGGIANI, Claudio. Naufrágio da biblioteca queimada: cartografia de sombras. *Revista Gratuita*, vol. 02, p. 100-105, 2013.

PESSIN, Liane. O sujeito na tensão entre a memória e o esquecimento. In: PAULON, Simone M. (Org.). *Nietzsche psicólogo: a clínica à luz da filosofia trágica*. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 187-194.

RAUTER, Cristina. A memória como campo intensivo: algumas direções a partir de Deleuze, Nietzsche e Proust. In: FONSECA, Tania M. G.; FRANCISCO, Deise J. (Org.). *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2000, p. 27-43

RAUTER, Cristina. *Clínica do esquecimento*. Niterói: Editora da UFF, 2012.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; UFRGS, 2006.

ROSA, Carlos M.; VILHENA, Junia de. O silenciamento da velhice: apagamento social e processos de subjetivação. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, vol. 16, n° 2, p. 09-19, 2016.

SCHÖPKE, Regina. Bergson: tempo como duração, consciência e memória. In: SCHÖPKE, Regina. *Matéria em movimento: a ilusão do tempo e o eterno retorno*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 221-241.

SCHÖPKE, Regina. Guyau e a gênese da ideia de tempo. In: SCHÖPKE, Regina. *Matéria em movimento: a ilusão do tempo e o eterno retorno*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 199-220.

SCHÖPKE, Regina. *Matéria em movimento: a ilusão do tempo e o eterno retorno*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.